



**CENTRO DE HUMANIDADES “OSMAR DE AQUINO”  
CAMPUS III- GUARABIRA  
DEPARTAMENTO DE GEO-HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

**DANIEL VIEIRA DE SOUZA**

Linha de pesquisa  
**Geografia Cultural**

**A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ARAÇAGI-PB E AS  
TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE  
TAINHA**

**GUARABIRA/PB**

**2010**

**DANIEL VIEIRA DE SOUZA**

**A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ARAÇAGI-PB E AS  
TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE  
TAINHA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades “Osmar de Aquino”, Guarabira- PB, em cumprimento às exigências para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia sob orientação da Professora Regina Celly Nogueira da Silva.

**GUARABIRA/PB**

**2010**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE  
GUARABIRA/UEPB

S719c Souza, Daniel Vieira de

A construção da barragem de Araçagi-PB e as transformações espaciais e culturais da comunidade Tainha / Daniel Vieira de Souza. – Guarabira: UEPB, 2010.

57f. Il. Color

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso – TCC) – Universidade Estadual da Paraíba.

“Orientação Prof. Ms. Regina Celly Nogueira da Silva”.

1. Meio Ambiente 2. Barragem 3. Araçagi I.  
Título.

22.ed. CDD 333.7

DANIEL VIEIRA DE SOUZA

A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ARAÇAGI-PB E AS  
TRANSFORMAÇÕES ESPACIAIS E CULTURAIS DA COMUNIDADE  
TAINHA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades "Osmar de Aquino", Guarabira- PB, em cumprimento às exigências para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia sob orientação da Professora Regina Celly Nogueira da Silva.

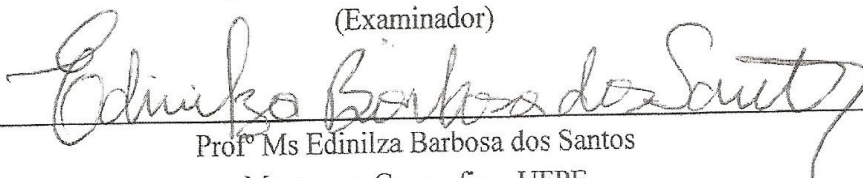
BANCA EXAMINADORA



Prof<sup>ª</sup> Ms Regina Celly Nogueira da Silva  
Mestre em Geografia Humana - USP  
Professora do Departamento de Geografia e história – CH/ UEPB  
(Orientadora)



Prof<sup>º</sup> Ms Carlos Antônio Belarmino Alves.  
Mestre em Educação- Universidade Lusófona- Lisboa- Portugal  
Professor do Departamento de Geografia e História- CH/ UEPB  
(Examinador)



Prof<sup>ª</sup> Ms Edinilza Barbosa dos Santos  
Mestre em Geografia – UFPE  
Professora do Departamento de Geografia e História- CH/UEPB  
(Examinadora)

Aprovado em 16 de Dezembro de 2010

GUARABIRA – PB  
2010

## **DEDICATÓRIA**

**Ao meu Deus, criador do universo.**

**Aos meus pais, Antônio Vieira de Souza e Marilene da Silva Souza que me conduziram com amor, responsabilidade e dedicação, desde o ventre materno a condição de cidadão. Seus ensinamentos levaram-me a trilhar o caminho da dignidade, da perseverança e do respeito ao próximo. Portanto, jamais teria chegado a concluir este trabalho monográfico, se não fosse o pegar de suas mãos nos primeiros atropelos da vida.**

**Dedico**

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus,

Por me possibilitar está finalizando este curso de Licenciatura.

Aos meus pais Antônio e Marilene,

Pelo incentivo, confiança, amor e a educação que me foram dados em todos os momentos de minha vida.

Aos meus irmãos e irmãs,

Pelo apoio e paciência nos momentos de dificuldades.

Aos amigos Leomar Mendonça, Sebastiana Santos, Isaias Severino, Jairo Alves e demais colegas da turma 2007.1 (Tarde),

Pelo apoio nos momentos de precisão e de dificuldades.

A professora Regina Celly Nogueira da Silva,

Pelo estímulo, paciência, atenção, orientação objetiva, apoio e compreensão que me levou a construção deste trabalho.

A todos os professores e funcionários da UEPB- campus III,

Pela transmissão do conhecimento, que tornaram possível um sonho tornar-se realidade.

Ao Presidente da Associação dos Agricultores Familiares da Comunidade Tainha,

Pelo apoio nas informações repassadas.

A família Vieira e as demais da Agrovila Tainha,

Pelas valiosas informações dadas através das entrevistas.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho.

## **Tainha: uma lembrança, uma saudade...**

Junho chegava e com ele a euforia das férias.

Com bagagem para um mês e muita ansiedade, embarcávamos no trem que nos levava à estação bem próxima ao nosso mundo encantado.

A euforia era tanta que ríamos por qualquer bobagem. A nossa mãe era o nosso guia, o nosso mestre, o nosso ponto de referência.

Ao chegarmos àquela estaçãozinha ferroviária, lá estava o nosso meio de transporte a nos esperar para seguirmos em frente.

Depois de acomodados em pequenos “caçuás” levados por cavalos, fazíamos o percurso de “4 léguas”, como diziam, e finalmente éramos acolhidos com festa, com alegria na casa da nossa avó paterna. Junto com os primos, tomávamos banho de rio, comíamos milho verde (colhidos e assados na porta de casa) e roubávamos frutos do pomar, do dono da maioria daquelas terras.

Era uma farra o dia todo, todo dia.

Foi assim durante muito tempo. Depois, as irmãs mais velhas casaram-se e agora juntavam-se a nós os seus maridos. Depois os filhos.

O tempo ia passando, a família crescendo, as coisas se sofisticando, mas a alegria e a satisfação de ali viver momentos marcantes era infinita.

A minha mãe se foi para uma outra dimensão, mas a tradição continuou firme, até mesmo como um tributo à sua memória.

Outras gerações vieram e foram se deixando contagiar por essa euforia de rever aquela terra que falava das nossas raízes.

Um dia porém, a notícia chegou: “A Tainha vai ser inundada”. “Uma barragem vai ser construída nas imediações”.

Uns acreditavam, outros não. Mas, aconteceu. Com isso, veio a desolação, a tristeza. Era o progresso que chegava, sem se importar com a tristeza que aquilo causava nas vidas que ali foram vividas.

Fui ver de perto o que restava daquele chão que nos trazia tão belas lembranças de uma época tão feliz em nossas vidas.

A beleza do rio (agora inundado), com garças brancas em revoadas, contrastava com a desolação daquele pedaço de terra tão querida.

Casas abandonadas, destelhadas. Paredes caídas. Todos os espaços inundados.

O aspecto era de abandono, de vazio. Somente a igreja Matriz, ao longe, parecia intacta, como se desafiasse o progresso e quisesse dar forças, coragem para seguirmos em frente, em busca de novas alegrias.

Não falei nada. Sentei-me à sombra de uma velha árvore que restava as margens do rio e uma saudade imensa se apossou de mim.

Senti como se ali, estivesse o começo do fim e só nos restasse agora uma lembrança, uma saudade imensa de um pedaço da nossa história de vida.

João Pessoa, 21 de abril de 2003  
Telma Jorge de Sena (in-memorian)



## **043- GEOGRAFIA**

**TÍTULO:** A Construção da barragem de Araçagi-Pb e as transformações espaciais e culturais da comunidade Tainha

**LINHA DE PESQUISA:** Geografia Cultural

**AUTOR:** Daniel Vieira de Souza

**ORIENTADOR:** Regina Celly Nogueira da Silva

**EXAMINADORES:** Carlos Antônio Belarmino Alves

Edinilza Barbosa dos Santos

### **RESUMO**

Ao longo do processo da evolução humana, o homem tem perdido o amor pela natureza. Encantado pelo avanço da tecnologia esqueceu-se ele que é parte integrante da mesma e utiliza sem pensar nas conseqüências que trará para o espaço em que vive. Como resultado convive-se com vários problemas ambientais. Ao observar a realidade vivida pela comunidade Tainha-Araçagi (PB), surge a idéia da presente proposta de trabalho, visto que essa área foi inundada pelas águas do rio Araçagi devido ao barramento do mesmo. Assim, a presente pesquisa visa abordar o processo de relocação das famílias da comunidade Tainha, como também, as transformações sócio-culturais que aconteceram com o represamento do rio, no município de Araçagi-PB. Objetiva-se ainda analisar as transformações históricas, sociais e culturais da comunidade Tainha, antes e após a construção da barragem Araçagi, identificar os principais impactos. Para a realização da pesquisa, foram adotadas etapas que contribuiriam para alcançar os objetivos da pesquisa. Em uma primeira fase, ocorreu a pesquisa bibliográfica, onde foi possível analisar as bibliografias consultadas, que contribuíram de forma essencial para o conhecimento teórico da pesquisa e ajudaram no encaminhamento do estudo proposto. Em outra fase, após ter uma boa base teórica, foram realizadas as pesquisas de campo, para a constatação de fatos, tendo assim, um contato com os moradores realocados da área em que foi construída a barragem, com aplicação de questionários, realização de entrevistas, coleta de informações, que se constituíram de suma importância para a pesquisa. Podem-se detectar vários elementos negativos e positivos ao longo do processo de construção da barragem e nos anos seguintes, como as condições de convivências, sobretudo, nos primeiros anos da Agrovila Tainha. Diante do contexto apresentado ao longo deste trabalho, percebe-se que a sociedade, particularmente a mais pobre, sofre as grandes conseqüências do meio ambiente, provocada pelo homem, o qual interfere drasticamente.

Palavras-chave: **Barragem Araçagi, Tainha, transformação e Meio ambiente.**

## ABSTRACT

Throughout the process of human evolution, man has lost the love for nature. Enchanted by the advance of technology has forgotten that he is part of the same uses and without considering the consequences it will bring the living space. As a result coexists with various environmental problems. When looking at the reality experienced by community-Araçagi Mullet (CP), the idea of this proposed work, since the area was flooded by the river Araçagi due to the same bus. Thus, this research aims to address the relocation process of the community families Mullet, but also the socio-cultural transformations that have happened to the damming of the river in the town of Araçagi-PB. It aims to further examine the changes historical, social and cultural community Mullet, before and after the dam construction Araçagi identify the main impacts. To perform the research, steps were taken that contributed to achieving the objectives of the research. In a first phase, there was a literature search, it was possible to examine the bibliographies consulted, which contributed to the essential theoretical knowledge of the research and helped in directing the proposed study. In another phase, having a sound theoretical foundation, there were field trials, for the verification of facts, thus, a contact with the residents relocated from the area where the dam was built, with questionnaires, interviews, information gathering, which consisted of paramount importance for research. Can be detected several positive and negative elements during the process of dam construction and subsequent years, as the conditions of cohabitation, particularly in the early years of Agrovila Mullet. Given the context presented in this work, one realizes that society, particularly the poorest, suffer major consequences for the environment, caused by man, which interferes drastically.

**Keywords: Dam Araçagi, Mullet, processing and environment.**

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FOTOS

|   |    |
|---|----|
| <b>FOTO 01:</b> Visualização do Açude Coremas- Mãe D' Água.....   | 25 |
| <b>FOTO 02:</b> Visualização do Povoado da Antiga Tainha .....  | 32 |
| <b>FOTO 03:</b> Visualização do Sítio Tainha em 1969.....   | 33 |
| <b>FOTO 04:</b> Movimento em luta pela realocação das famílias atingidas com a barragem Araçagi- Pb ..... | 37 |
| <b>FOTO 05:</b> Visualização da Agrovila Tainha, em 2002.....   | 41 |
| <b>FOTO 06:</b> Visualização da Rua Joaquim Vieira- Agrovila Tainha.....                                  | 43 |
| <b>FOTO 07:</b> Visualização da Igreja Católica da Tainha .....   | 44 |
| <b>FOTO 08:</b> Visualização da casa de farinha da Agrovila.....  | 45 |
| <b>FOTO 09:</b> Visualização da adutora em construção.....  | 46 |
| <b>FOTO 10:</b> Visualização de uma casa inundada pelas águas da barragem Araçagi.....                    | 50 |

### LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| <b>GRÁFICO 01:</b> População de Araçagi no ano de 2010..... | 31 |
| <b>GRÁFICO 02:</b> Quantidade de habitantes por área .....  | 31 |

### LISTA DE QUADROS

|   |    |
|---|----|
| <b>QUADRO 01:</b> Órgãos estatais criados para solucionar a seca no N.E ..... | 23 |
| <b>QUADRO 02:</b> Famílias da comunidade da Tainha, divididas por ruas.....   | 35 |
| <b>QUADRO 03:</b> Nome das ruas da Agrovila Tainha .....                      | 42 |
| <b>QUADRO 04:</b> Pontos positivos e negativos da Agrovila Tainha.....        | 47 |

## **LISTA DE FIGURAS**

|  |    |
|--|----|
| <b>FIGURA 01:</b> Açudes monitorados pela AESA.....              | 26 |
| <b>FIGURA 02 :</b> Localização geográfica da área de estudo..... | 28 |
| <b>FIGURA 03:</b> Mapa do município de Araçagi.....              | 29 |
| <b>FIGURA 04:</b> Rótulo da aguardente de cana “Topa tudo”.....  | 36 |
| <b>FIGURA 05:</b> Ocupação a sede do INTERPA- JP.....            | 38 |

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

**ABRH** - Associação Brasileira de Recursos Hídricos

**AESA** - Agência Executiva de Gestão das Águas

**BNB**- Banco do Nordeste Brasileiro

**CHESF**- Companhia Hidroelétrica do São Francisco

**CVSF**- Companhia do Vale do São Francisco

**CODEVASF**- Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Parnaíba

**CONAMA** - Conselho Nacional do Meio Ambiente

**CMB**- Comissão Mundial das Barragens

**CPRM**- Serviço Geológico do Brasil

**CNM**- Confederação Nacional dos Municípios

**CPT** - Comissão Pastoral da Terra

**DNOCS**- Departamento Nacional de Obras Contra a Seca

**EMBRAPA**- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

**IBGE** - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IOCS**- Inspetoria de Obras Contra a Seca

**IFOCS** - Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca

**INTERPA**- Instituto de Terras e Planejamento Agrícola da Paraíba

**KM** – Quilômetros

**KM<sup>2</sup>**- Quilômetros quadrados

**KM<sup>3</sup>** - Quilômetros cúbicos

**MAB**- Movimento dos Atingidos por Barragens

**M<sup>3</sup>**- Metros cúbicos

**MM** - Milímetros

**ONG'S**- Organização não Governamental

**PB**- Paraíba

**PCHs** - Pequenas Centrais Hidrelétricas

**PDCT**- NE Programa de Desenvolvimento Científico e Tecnológico para o Nordeste

**SUDENE**- Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste

**SEMARH**- Secretaria de Estado do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Ciência e Tecnologia

**UEPB** - Universidade Estadual da Paraíba

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>   | <b>13</b> |
| <b>2 MATERIAL E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>               | <b>18</b> |
| <b>3 OS RECURSOS HIDRÍCOS E SUA IMPORTÂNCIA NO SÉCULO XXI.....</b> | <b>19</b> |
| <b>3.1 A construção de Barragens no Brasil.....</b>                | <b>19</b> |
| <b>3.2 A construção de Barragens no Nordeste.....</b>              | <b>22</b> |
| <b>3.3 A construção de Barragens na Paraíba.....</b>               | <b>24</b> |
| <b>4 A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ARAÇAGI.....</b>                  | <b>27</b> |
| <b>4.1 Caracterização geoambiental da área de estudo.....</b>      | <b>27</b> |
| <b>4.2 A Comunidade Tainha.....</b>                                | <b>32</b> |
| <b>4.3 A construção da Barragem.....</b>                           | <b>37</b> |
| <b>5 O COTIDIANO DA AGROVILA TAINHA HOJE.....</b>                  | <b>41</b> |
| <b>5.1 Caracterização da Agrovila Tainha.....</b>                  | <b>41</b> |
| <b>5.2 A Agrovila Tainha no presente.....</b>                      | <b>43</b> |
| <b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                 | <b>49</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>  | <b>52</b> |
| <b>APÊNDICE A - Roteiro para a realização das entrevistas</b>      |           |
| <b>ANEXOS A - Música “Xote dos desabrigados”</b>                   |           |

## 1 INTRODUÇÃO

Ao longo do processo da evolução humana, o homem tem perdido o amor pela natureza. Encantado pelo avanço da tecnologia esqueceu-se ele que é parte integrante da mesma e utiliza sem pensar nas conseqüências que trará para o espaço em que vive. Como resultado convive-se com vários problemas ambientais. O planeta vem sofrendo as maiores crises registradas da história e o futuro da civilização encontra-se em risco.

A degradação do meio ambiente ocorre tanto em áreas urbanas quanto em áreas rurais. Nas áreas urbanas a degradação é mais visível por meio do deslocamento e corte das encostas, para a construção de casas. Nestes locais as condições naturais, tais como a declividade das encostas e a maior facilidade de escoamento das águas, aceleram os processos de degradação ambiental, que se dá pela intervenção humana naquele espaço (MORGAN apud GUERRA e CUNHA, 2000, p. 344). Em áreas rurais esses problemas ambientais são decorrentes, sobretudo, do mau uso da terra associada à mecanização intensa e a monocultura. De modo geral, há vários fatores que ocasionam a degradação do ambiente, mas é o manejo inadequado do solo que constitui a principal causa (MORGAN; BLAIKIE E BROOKFIELD; GERRARD apud GUERRA e CUNHA, 2000, p. 345).

Para Vitte e Guerra (2007, p. 147) *“a qualidade ambiental tem impacto direto sobre toda a vida humana, mas afeta, particularmente, os pobres”*. Os impactos decorrentes dos processos que ocorrem sobre o meio ambiente traz, na maioria das vezes, problemas para as famílias de classe baixa, que se tornam elementos mais susceptíveis do que a classe média, no entanto todos são passíveis de sofrer consequências que permeiam o planeta Terra.

Para Santos (2008, p. 153) *“o espaço deve ser considerado como um conjunto de relações realizadas através de funções e de formas que se apresentam como testemunho de uma história escrita por processos do passado e do presente”*.

O espaço se define como um conjunto de formas representativas de relações sociais do passado e do presente e por uma estrutura representada por relações sociais que estão acontecendo diante dos nossos olhos e que se manifestam através de processos e funções. Neste campo a aceleração se dá de forma desigual (SANTOS, 2008, p. 153).

O desequilíbrio ambiental observado é resultado da maneira como a sociedade apropria-se dos recursos naturais, isso torna-se evidente através dos recursos naturais renováveis, pois além de se tornarem poluídos, vão exaurindo-se ao ponto de atingirem níveis críticos, como é o caso da ausência de fauna e flora em inúmeras regiões do Brasil, com

destaque para certas áreas do Nordeste, onde o recurso água se torna cada vez mais problemático (ROCHA apud SILVA et al, 2006).

Diegues destaca que “a água doce é necessidade básica de todos os seres humanos, mas a forma com que essa necessidade é atendida depende da cultura” (DIEGUES, 2009 p.15). Essa maneira de lidar com os recursos hídricos são essenciais para a preservação da mesma. Nas sociedades tradicionais a água é um bem da natureza, para eles dádiva de Deus, responsável pela sua abundância ou escassez.

Já nas sociedades urbanas e modernas, a água doce é um bem em grande parte utilizada para vários fins, controlada pelas grandes empresas, como represas, estações de tratamento, distribuidoras de água. Apesar de ser um bem de uso coletivo, nos países capitalistas a água é um recurso que passa a ser de uso particular. Essa é uma questão muito importante e encontra-se em debate nas reuniões internacionais, sobre o uso e a apropriação dos recursos.

No Brasil, talvez por força do empenho da Associação Brasileira de Recursos Hídricos (ABRH), está em curso um processo de busca do estabelecimento de uma política nacional de recursos hídricos (CAMPOS, 1995, p. 161). A Constituição Federal estabelece como competência da União (art. 21, inciso XIX); “Instituir sistema nacional de gerenciamento de recursos hídricos e definir critérios de outorga de direito de seus usos”. Em diversos estados da Federação esse movimento também se vem desenvolvendo com relativo sucesso (CAMPOS, 1995, p. 161).

De acordo com o Conselho Nacional do Meio Ambiente – CONAMA (BRASIL, 1983) impacto ambiental

*é qualquer alteração das propriedades físicas, químicas e biológicas do meio ambiente, causada por qualquer forma de matéria ou energia resultante de atividades humanas que, direta ou indiretamente, afetam: a saúde, a segurança e o bem estar da população; as atividades sociais e econômicas; as condições estéticas e sanitárias do meio ambiente e a qualidade dos recursos ambientais (SILVA et al, 2006).*

A construção de grandes barragens e seus reservatórios, que objetiva o benefício social e econômico do homem, interfere no meio, causando impactos. A construção de uma barragem traz várias modificações para o meio ambiente, gerando um grande impacto sócio ambiental na região onde é construída e na região que é atingida, pois o barramento de um rio desordena uma transformação para o habitat daquela região (SILVA, 2002). Um dos principais impactos ambientais refere-se à alteração da paisagem das margens dos rios,



causada pela indução de atividades humanas ligadas à presença dos reservatórios. Passados alguns anos, esta nova paisagem resulta em novos impactos.

*“A Comissão Mundial das Barragens (CMB - Novembro de 2000) considera barragens grandes como aquelas que têm uma altura de quinze metros ou mais ou com um volume superior a três milhões de m<sup>3</sup>” (LETURQ, 2009, p.03).*

A construção de uma barragem provoca danos ao meio ambiente como destruição de vegetação nativa, destruição da flora e da fauna, enfim, há uma perda da biodiversidade daquele local, em que foi construída. A população atingida é remanejada para outras áreas, perdendo as suas plantações, seus animais, perdem seus costumes, tradições, toda uma cultura é totalmente destruída. Os danos chegam a ser irreparáveis.

No Brasil, os recursos hídricos são distribuídos de forma irregular, quando temos na região amazônica 70%, 15% no Centro-Oeste, 12% nas regiões Sul e Sudeste, enquanto o Nordeste detém apenas 3%, o que deixa a região carente desse recurso, agravado pelo regime de chuvas irregulares (BORSOI; TORRES, 1997). Essa escassez de recursos está associada a vários fatores, existentes na região Nordeste e nas regiões Sudeste e Sul.

No Nordeste brasileiro existe uma quantidade significativa de barragens construídas visando proporcionar à população uma melhora no acesso à água, seja ela potável ou bruta. Como parte dessas construções há um desordenamento no ciclo vital dos seres que constituem seus habitats próximos a esses locais. No entanto, o processo de transformação que ocorre nesta região é imenso, visto que as populações ribeirinhas ao sofrerem a maior parte dos impactos, sentem o problema muito mais próximo de si.

Na Paraíba, com o passar dos anos e como forma de amenizar a situação de vários paraibanos, os governos têm investido na construção de barragens para proporcionar aos cidadãos água durante todo o ano e assim evitar que as secas, tão comuns na nossa região, nos tornem dependentes do meio. No governo de José Maranhão, durante os anos de 1996 a 2002, foi criado o projeto “Plano das Águas” que objetivava sanar totalmente o tema da falta de água no estado, para assim, a população conviver sem esse mal que ainda é comum nos nossos dias. Como parte desse plano, foi construída a barragem de Araçagi ou “Aruá”, no ano de 2002, localizada entre os municípios de Araçagi e Itapororoca, no médio alto curso do Rio Mamanguape, distante cerca de 80 km da capital João Pessoa.

A barragem Araçagi possui capacidade de armazenamento de 63 milhões de m<sup>3</sup> de água (INTERPA, 2002), porém sua área era ocupada por pequenos povoados, entre eles o sítio Tainha e Mulunguzinho, todos pertencentes ao município de Araçagi. Tais comunidades

totalizam cerca de 390 famílias compostas de pequenos agricultores e criadores que, após o barramento, tiveram suas casas, plantações e pastos inundados, por isso foram realocados em áreas mais altas, construídas especialmente para essas famílias.

Para Correia e Barreto (1983, p. 160), a construções de barragens, não deve ter como finalidade única a produção de energia, mas deve visar um aproveitamento, múltiplo no que se refere á irrigação de agricultáveis, desenvolvimento de projetos de piscicultura, áreas de lazer, preservação de nichos ecológicos como laboratórios de pesquisa, etc.

Vale dizer, que a barragem de Araçagi, tem como destino principal, o abastecimento de várias cidades da região, e caso necessite, até a capital do estado. Além desse fator principal, a mesma serve como espaço de lazer, desenvolvimento de tanques de pisciculturas, irrigação, dentre outros.

Ao observar a realidade vivida pela comunidade Tainha, surge a idéia da presente proposta de trabalho, visto que essa área foi inundada pelas águas do rio Araçagi devido ao barramento do mesmo, que se deu no ano de 2002 e a comunidade foi realocada para outro espaço. Toda a evolução da construção da barragem levou cerca de quatro anos, as antigas famílias da área, tiveram suas moradias construídas em outro lugar.

Assim, a presente pesquisa visa abordar o processo de relocação das famílias da comunidade Tainha, como também, as transformações sócio-culturais que aconteceram com o represamento do rio, no município de Araçagi-PB. Objetiva-se ainda analisar as transformações históricas, sociais e culturais da comunidade Tainha, antes e após a construção da barragem Araçagi, identificar os principais impactos.

O período estudado vai de 1999 a 2010. Nos debruçamos sobre documentos e relatórios que tratam do inicio da construção da barragem. Esse foi um levantamento importante para entendermos todo o processo de burocratização da construção de uma obra dessa natureza. Além de nos preocuparmos com aspectos da construção da barragem, visamos compreender também as atuais condições de vida da comunidade, hoje vivendo na Agrovila Tainha.

No primeiro capítulo, *Os Recursos Hídricos e sua Importância no século XXI*, trataremos da forma como esse recurso vem sendo usado no Brasil, no Nordeste e, mais especificamente, na Paraíba.

No segundo capítulo, nos detemos nas especificidades da *Construção da Barragem de Araçagi*, onde resgatamos a história do município, a história da comunidade de Tainha e sua luta em permanecer na área. Nos deteremos, ainda, no processo de construção da barragem.

No terceiro capítulo, apresentamos o *Cotidiano da Agrovila Tainha Hoje*. Esse capítulo é de extrema importância, nos coloca em contato com os moradores, com seus sentimentos e visões de mundo, além de possibilitar a fala dos mais velhos sobre a necessidade da luta para resguardar a cultura de seus antepassados.

## 2 MATERIAL E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização do presente trabalho foram adotadas várias etapas que contribuíram para alcançar os objetivos da pesquisa.

Em uma primeira fase, ocorreu a pesquisa bibliográfica, onde foi possível analisar as bibliografias consultadas, que contribuíram de forma essencial para o conhecimento teórico da pesquisa e ajudaram no encaminhamento do estudo proposto. Nesta fase realizaram-se consultas a autores que trabalham com conceitos relacionados ao meio ambiente, degradação ambiental, impactos decorrentes de construções de barragens, dinâmica do espaço, como VITTE e GUERRA (2007), LOREIRO e LAYRARGUES (2008), SANTOS, (2008); além de outros que discutem a questão hídrica no país.

A pesquisa bibliográfica se deu através de livros disponíveis na Biblioteca da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB, sites na internet e livros do próprio autor.

Em outra fase, após ter uma boa base teórica, foram feitas as pesquisas de campo, para a constatação de fatos, tendo assim, um contato com os moradores realocados da área em que foi construída a barragem, com aplicação de questionários, realização de entrevistas, coleta de informações, que se constituíram de suma importância para a pesquisa.

Durante a execução da referente proposta, foram utilizados os seguintes materiais e procedimentos técnicos como:

- Revisão bibliográfica, documental e cartográfica da área de estudo;
- Elaboração de questionários para a coleta de informações sobre a temática;
- Registro fotográfico feito em visita a antiga área inundada pela água, como da nova localidade; A visita foi realizada em parte da área atingida pela barragem. De início pelo local da construção, depois a comunidade Tainha e concluída na Agrovila.
- Levantamento de dados junto a órgãos públicos como: Governo do Estado (INTERPA, SEMARH), Prefeitura municipal, Câmara Municipal, Associação Comunitária dos Agricultores da Agrovila Tainha e IBGE;
- O levantamento se deu através de pesquisa nos documentos e sites das entidades, além do material que foi coletado no próprio órgão, para melhores esclarecimentos.<sup>18</sup>
- Entrevista com os moradores da comunidade Tainha, hoje residente na Agrovila Tainha;
- Utilização de material de informática para a sistematização dos dados coletados, através de digitação e impressão dos mesmos.

### 3 OS RECURSOS HIDRÍCOS E SUA IMPORTÂNCIA NO SÉCULO XXI

#### 3.1 A construção de Barragens no Brasil

A água é considerada um recurso ou bem econômico, isto porque é finita, vulnerável e essencial para a vida na terra. Sua escassez impede o desenvolvimento de diversas regiões. É considerada como um recurso ambiental. A água desempenha um papel fundamental no desenvolvimento socioeconômico de qualquer civilização. Sua disponibilidade em quantidade e qualidade compatíveis com a demanda é um dos fatores que determinam o nível de qualidade de vida em um agrupamento humano (CARVALHO, 1994). Tal fator é que induz a construção de barragens.

A construção de uma barragem gera muitos impactos ambientais, porém, os resultados favoráveis são grandes. Dessa forma, o impacto ambiental gerado pela construção da barragem deve ser amenizado com medidas preservacionistas e compensatórias. A construção de uma barragem pode vir a somar positivamente na melhoria da qualidade e quantidade de água da bacia e ainda ajudar o abastecimento da população residente em uma localidade, seja ela rural ou urbana.

*“A construção de barragens e sistemas de irrigação é um exemplo de típico de atividade geradora de conflitos, beneficiando em geral as sociedades urbano-industriais e prejudicando as tradicionais”* (NUPAUB, apud DIEGUES, 2009, p. 16).

O volume total de água no planeta é constante e as reservas somam aproximadamente 1.386 milhões de km<sup>3</sup>. O volume de água doce representa cerca de 35 milhões de km<sup>3</sup>, ou 2,52% da quantidade total de água no planeta. Deste volume total, os rios representam 0,00009%, os lagos 0,009% e a água contida na atmosfera 0,0009% (WETZEL, 1983). Sendo assim aumenta ainda mais a preocupação com as águas superficiais continentais, pois estas não estão presentes em abundância e o pouco do que resta está sendo mal cuidado.

*“O Brasil possui abundantes fontes de água doce, com mais de 70% desses recursos concentrados na bacia amazônica, representando 12,7% do total mundial”* (THOMAS, 2006, p. 122). Com essa quantidade extraordinária, o País se coloca entre os maiores do mundo em água doce. Porém, nem toda essa quantidade é de boa qualidade, não servindo para o consumo humano. É necessária, a busca de um tratamento adequado, para que seja possível a sua utilização para a população.

*”Embora a água seja abundante em áreas, em outras há escassez. A região semi-árida do Nordeste, com 28% da população, dispõe de apenas 5% dos recursos hídricos do País. A água potável de qualidade também é escassa em outras regiões brasileiras, como Sul e Sudeste, onde reside cerca de 60% da população”* (MEJIA et al apud THOMAS, 2006, p. 123). Os governos têm investido para aliviar esta situação crítica, quando em 1998-99, o governo federal gastou US\$ 3,3 bilhões com a região nordestina, onde a estiagem atingia dez milhões de pessoas.

A construção de barragens não contribui somente para o abastecimento da população, mas também pode contribuir para a preservação e recuperação de recursos hídricos, desde que sejam tomados os devidos cuidados no seu planejamento e implementação. Porém, a construção de uma barragem gera impactos ambientais significativos e sendo assim, estudos e pesquisas que amenizem estes impactos de forma a torná-los menos impactantes devem ser feitos, e evitar grandes modificações no lugar (SILVA et al, 2007) .

Os estudos ambientais para a implantação de barramentos em bacias hidrográficas demandam grandes esforços para a realização completa do estudo ambiental de levantamento em campo. Quando a área é extensa, é indispensável se fazer o levantamento de dados, tais como, área e localização da lâmina da água após o barramento, espaço que será inundado pela água represada, áreas de matas que sofrerão com a inundação, medida da represa, etc.; assim como, o modo da cobertura do solo na superfície afetada pela construção.

No Brasil, existem cerca de 600 barragens (considerada como grandes barragens, de acordo com o CMB) que foram construídas, ao longo dos anos e esse número, segundo o mesmo autor está em crescimento, visto que são obras que garantem o futuro energético do País. Esse País comprometeu-se com esta direção, mesmo conhecendo os inúmeros constrangimentos que acompanham estas estruturas, tais como, perdas de terras agrícolas, expulsões e deslocamentos de populações, destruições de espécies animais e vegetais, alteração dos regimes hídricos, alterações geográficas importantes (LETURCQ, 2009).

As grandes barragens alteram completamente essa dinâmica e deixam para sempre a marca da ação humana gravada em suas quedas, margens e cursos d’água. As enormes montanhas de concreto barrando o livre passar das águas, os novos peixes introduzidos, <sup>20</sup> ~~28~~ milhares de pessoas desalojadas, as novas dinâmicas de interação com as águas são evidências dessa interação entre homens e natureza no território brasileiro (ARRUDA, 2008).

De acordo com dados do Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB, 2006), existem no Brasil, aproximadamente 2.000 barragens incluídas as grandes e pequenas. Deste

total, 625 se encontram em operação, onde 139 são consideradas grandes, 233 médias e 153 com capacidade baixa de acúmulo de água.

O Plano 2015 prevê a construção de mais 494 grandes barragens. Segundo a Eletrobrás, diz o MAB, também existe um potencial que poderá vir a ser explorado em PCHs (Pequenas Centrais Hidrelétricas) em torno de 942 novas barragens. Ainda segundo o MAB, 50 grandes barragens se encontram em construção e até o final do governo Lula está projetado à construção de mais 70 grandes barragens.

As maiores barragens construídas no Brasil são as de Sobradinho no rio São Francisco, Itaipu no rio Paraná, barragem Tucuruí na região amazônica, barragem Pedra do Cavalo no estado baiano, Machadinho no Rio Grande do Sul, dentre outras (CARMO, 2007).

Para Whitaker e Bezzon (2006, p. 52) “(...) *as consequências humanas das construções de barragens são dramáticas. Inunda-se uma região e as pessoas são arrancadas do seu habitat*”. Esse tipo de deslocamento causa problemas muito sérios. É um tipo de migração com vários problemas ecológicos.

Em uma construção de barragem, acontece um problema enorme, porque além da transferência das pessoas, ocorre um conjunto de modificações dos hábitos. Um verdadeiro impacto realiza-se, contribuindo para uma alteração na paisagem, capaz de transformar a região existente. Culturas são desaparecidas, manifestações ficam no esquecimento e há toda uma desarticulação, no qual para Whitaker e Bezzon (2006, p. 64) “*quando se perdem da sua cultura, ou dela são desenraizados, correm o risco da desumanização*”.

Em quase todos os casos de construções de barragens, um significativo número de famílias tem o seu morar destruído ao ser encoberto pelas águas, o que praticamente obriga o deslocamento desses contingentes populacionais para novos locais. As perdas que esses grupos humanos sofrem são a certo, irreparáveis. Acrescente-se que, em inúmeros casos, a atitude e os procedimentos dos responsáveis pela construção das barragens agravam a situação por não dialogarem com a população, desrespeitarem seus mais mezinhos direitos e não cumprirem o que determina a legislação específica, tanto no que se refere à população quanto no que tange ao meio ambiente (OLIVEIRA, 2004).

O autor enfatiza que as famílias, sofrem muito, com tais mudanças, que como ele mesmo diz chega a ser em certos casos irreparáveis. Além disso, os responsáveis pelas construções agravam mais a situação quando não acontece o diálogo com a população.

Correia e Barreto (1983, p. 03) destacam que “*qualquer barragem é apenas um meio para se atingir o objetivo principal do empreendimento: a criação de um reservatório. Desse*

*modo, é de vital importância a escolha do local onde se pretende construir uma represa”.* Desta maneira é importante que, para a construção de um reservatório seja feito todo um estudo preliminar, onde seja possível detectar os impactos, o qual ocasionará tal construção.

### **3.2 A construção de Barragens no Nordeste**

O Nordeste brasileiro, carente no recurso água, é uma das regiões do País que possui um alto investimento por parte dos governos no tocante a construção de barragens. Na sua maioria os impactos, reflexos das construções são de alto grau, vindo a prejudicar várias populações ribeirinhas, em virtude do progresso econômico e dos benefícios para saciar a sede dos nordestinos.

Desde o período da colonização brasileira pelos portugueses, os barramentos nesta região já existiam como forma de garantir o líquido precioso, nos períodos de estiagem. Assim, as barragens foram sendo construídas ao longo dos anos. No início as construções se deram de forma particular, sendo construído em propriedades pertencentes a fazendeiros, que usavam em maior quantidade para suprir as suas necessidades. No século XVIII, o governo passou a intervir na construção de açudes, ao criar leis de gratificação para o proprietário que construísse seu próprio açude.

Para ANDRADE apud BEZERRA et al, 2009, p. 03:

(...) no século XVIII, quando a economia da pecuária já se achava melhor estruturada e ao seu lado se desenvolveu a cultura do algodão, o impacto das secas foi se tornando mais grave. A construção dos barreiros e de açudes era de pequena expressão, não dando para atenuar o impacto da seca.

Os planos governamentais que vinham desde o século XVIII eram de combate e não de convivência com a seca na região nordestina, sobretudo no semi-árido. No século XIX foram instituídos prêmios para as pessoas que construíssem açudes.

Os produtores eram convencidos a adquirir equipamentos de irrigação financiados a juros baixos ou mesmo a eles entregues de forma paternalista, sem haver, no entanto, a preocupação de se levar em conta as características ambientais como a qualidade do solo e clima locais, a quantidade e qualidade da água a ser utilizada, nem tampouco as condições de crédito, a existência de tecnologia, insumos e equipamentos, assistência técnica e uma política agrícola regional que tornasse a terra viável também para os pequenos produtores.

Em suma, cada governo criava o seu programa, na maioria das vezes sem levar em consideração as informações técnicas disponíveis ou mesmo as experiências vividas em



outros programas semelhantes, gerando, com isso, insatisfações no meio produtivo e inevitáveis prejuízos ao ambiente.

Ao longo do século XX, inúmeros órgãos estatais foram sendo criados como se verifica no quadro 01. Foram alternativas, para ajudar no combate a falta d'água.

| <b>ÓRGÃO CRIADO</b>   | <b>HISTÓRICO</b>  |
|---|---|
| IOCS- Inspetoria de Obras Contra a Seca                     | Criado em 1909, e vindo a se chamar em 1919 de IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra a Seca).         |
| DNOCS- Departamento Nacional de Obras Contra a Seca         | Criado em 1945, depois de um longo período de seca verificado na região, substituindo o IFOCS.            |
| CHESF- Companhia Hidroelétrica do São Francisco             | Criado em 1945, com a função de gerar e distribuir energia para o norte/nordeste.                         |
| CVSF- Companhia do Vale do São Francisco                    | Criado em 1948, é a atual Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco e do Parnaíba (CODEVASF). |
| BNB- Banco do Nordeste Brasileiro                           | Criado em 1952, como banco de fomento.  |
| SUDENE- Superintendência para o Desenvolvimento do Nordeste | Criado em 1959.   |

Quadro 01: Órgãos estatais criados para solucionar a seca no N.E

Fonte: Elaborado pelo autor, 2010

Entretanto todos esses órgãos, não provocaram efeito favorável de maneira a provocar uma profunda transformação no tocante à realidade nordestina. Os projetos não solucionaram o problema da seca. Assim, os nordestinos continuaram a sofrer com esse grande mal que assola a região há vários anos, e com todos os esforços dos governantes, do poder público em geral, como se vê no quadro acima, não houve uma verdadeira transformação no tocante a solução da questão água.

Nas últimas décadas do século XX, os governos nordestinos criaram programas destinados principalmente à população de baixa renda, como os projetos: Irriga Pernambuco, Chapéu de Couro, Asa Branca e Água na Roça, em Pernambuco; na Paraíba, com o projeto Canaã e, por iniciativa do governo federal, os projetos do Programa de Desenvolvimento

Científico e Tecnológico para o Nordeste-PDCT-NE e Pólo Nordeste, como alternativas viáveis para fixação do homem no campo e mais recente o plano das águas.

Tem sido observado que as obras construídas no Nordeste – açudes, poços, abastecimentos d’ água, hidroelétricas, estradas, campos de pouso e outras-, com o objetivo de criar uma infraestrutura resistente aos efeitos das secas, não têm evitado a calamidade pública e a migração do camponês em direção à cidade, especialmente os agricultores não proprietários, verificando-se então a formação do binômio, “terra sem gente no campo” e “gente sem terra nos centros urbanos” aumentando conseqüentemente o desemprego, podendo vir a surgir focos de tensão social (CARNEIRO, 2000).

### **3.3 A construção de Barragens na Paraíba**

A Paraíba, assim como os demais estados nordestinos, também sofre as conseqüências dos recursos hídricos que são irregulares, com escassez de chuvas e rios praticamente intermitentes. Dos rios que cortam o estado paraibano, alguns são perenes, isto é, tem uma quantidade significativa de águas durante todo o ano, como o Rio Paraíba que nasce na Serra de Jabiticá (do Tupi, onde racha o barro), no município de Monteiro, a 100 m do rio do Meio (MEDEIROS, 1914), e é o maior em extensão do estado. Já a maioria dos outros rios é intermitente, com destaque para os localizados no Sertão, a exemplo do Rio Piranhas.

Devido a essa escassez de água, existente no nosso estado, os governos tem investidos em meios que possam solucionar ou diminuir a falta de água. Com isso nos últimos anos tem-se verificados alguns projetos ou planos criados pelos governos do Estado da Paraíba com o reforço dos governos federais. Projetos como o Canaã e o Plano das Águas fizeram parte destes meios de solução para a convivência com a seca no estado.



Foto 01: Açude Coremas- Mãe D' Água- 2004

Fonte: AESA- Pb, 2010

O projeto Canaã foi implantado no governo de Wilson Braga durante o período de 1983 a 86, e ficou conhecido como um programa de construções de açudes, barragens e adutoras.

O Plano das Águas foi outro projeto, o qual foi implantado no Governo Antônio Mariz e dado continuidade pelo então Vice-Governador José Maranhão entre 1995 e 2002; foi idealizado pelo ex-secretário dos Recursos Hídricos, Dr. Gilberto Moraes (in-memorian). Este projeto (plano das águas) foi elaborado tendo como carro chefe o Açude de Coremas. Em ambos os planos, várias construções ocorreram com destaque para a barragem de Acauã no Agreste e a de Camará na região do brejo, que veio a se romper depois de 2 anos construída.

A Paraíba tem atualmente 123 barragens (FIG. 01), monitoradas pela Agência Executiva de Gestão das Águas (AESAs), órgão do governo estadual, vinculada a SEMAH (AESAs-PB, 2010). A maior delas é o Açude Coremas- Mãe D' Água conhecida como barragem de Coremas, na região sertaneja, com uma capacidade de 1,35 bilhão de metros cúbicos (AESAs- PB, 2010), constituindo assim num dos maiores potenciais hídricos do Nordeste. Além dessa, existem: Boqueirão, Acauã, Jandaia, Canafístula II, dentre outras.

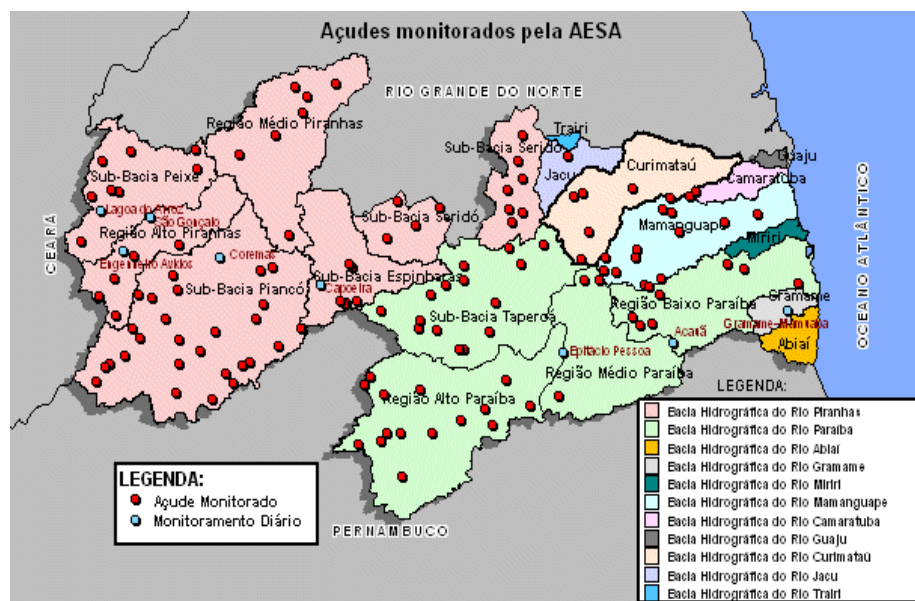


Figura 01: Ações monitoradas pela AESA

Fonte: AESA- Pb, 2010

O Estado que enfrenta escassez de água para a sobrevivência do seu povo, é um dos que contém um grande número de reservatórios, onde a maioria já possui um sistema de adutora, que transporta água para o abastecimento das cidades próximas ao barramento construído. Assim, a população que antes vivia enfrentando carência de água nos períodos secos, agora pode usufruir com mais garantia, visto a abundância de barragens construída em toda a Paraíba.

## **4 A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM DE ARAÇAGI**

### **4.1 Caracterização geoambiental da área de estudo**

Segundo Henrique (2004), a formação social, política e administrativa de Araçagi começaram por volta de 1750, no século XVIII, quando a região servia de pousada para os mercadores que praticavam o comércio, inclusive de gado, entre Mamanguape (antiga Montemor), Guarabira e os Sertões da então província da Paraíba.

Araçagi é dividido em um distrito (o distrito de Canafistula), duas agrovilas (Tainha e Mulugunzinho) dois assentamentos (Santa Lúcia e Violeta) e cinquenta e seis sítios.

O município é cortado pela rodovia PB 057, distante 30 km da BR 101, que corta o município de Mamanguape e desce em direção a cidade de Santa Rita e João Pessoa (capital do Estado); encontra-se a 16 km de Itapororoca; a 14 km de Guarabira e 110 km de João Pessoa.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os primeiros colonizadores a chegarem à cidade encontraram apenas um acampamento de tropeiros que demandavam a Mamanguape, protegido por pequenos arbustos conhecidos por Araçá e habitado por indígenas do grupo Gê, surgindo da união desses nomes o topônimo.

Foram os componentes da família de Clisanto Leite os primeiros que ali se estabeleceram, construíram alguns prédios residências, denominando o lugar de Pernambuquinho. Com o desenvolvimento da povoação, edificaram uma Capela, sob a invocação de São Sebastião, e Francisco Leite, seu parente, fundou uma escola, tornando-se o primeiro professor. Posteriormente, os habitantes resolveram mudar o nome de Pernambuquinho para o de Araçagi.

Em divisões territoriais datadas de 31-XII-1936 e 31-XII-1937, figura no município de Guarabira o distrito de Araçagi. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 1-VII-1955 (IBGE, 2010).

Elevado à categoria de município com a denominação de Araçagi, pela lei estadual nº 2147, de 22-07-1959, foi desmembrado de Guarabira. Sede no antigo distrito de Araçagi, constituído do distrito sede. A instalação do mesmo se deu em 24 de dezembro de 1959. Em divisão territorial datada de 1-VII-1960, o município é constituído do distrito sede. Assim permanece em divisão territorial datada de 2007 (IBGE, 2010).

Araçagi está localizada na mesoregião do Agreste paraibano, como um dos 12 municípios, que compõem a microrregião de Guarabira, localizada em uma depressão entre o Litoral e o Sertão, perfazendo uma área de transição (FIG. 02).



Figura 02: Localização geográfica da área de estudo:

Fonte: Atlas Escolar da Paraíba, 2002 e IBGE, 2010

Possui um clima tropical-úmido com variações entre  $25^{\circ}\text{C}$  e  $34^{\circ}\text{C}$ , com uma média anual de chuvas baixa e irregular, e com período de secas. A pluviometria é de 1.000 a 1.200mm (SILVA, ET al., 2000). Localiza-se entre  $35^{\circ} 22' 52''\text{O}$  e  $6^{\circ} 51' 11''\text{S}$ .



O município de Araçagi, segundo dados do Serviço Geológico do Brasil CPRM (2005), está localizado na mesorregião do agreste paraibano, na microrregião de Guarabira tendo uma área de 229, 722 km<sup>2</sup> representando 0, 407% do estado, 0, 0148% da Região Nordeste e 0,0027% de todo o território brasileiro. A sede do município tem uma altitude aproximada de 57 metros, e distante 98 km da capital. Araçagi faz limite com os seguintes municípios: Ao Norte: Duas Estradas, Curral de Cima e Sertãozinho; Ao Sul: Mulungu, Marí, Sapé e Capim; Ao Leste: Cuité, Mamanguape e Itapororoca; Ao Oeste: Guarabira e Pirpirituba (FIG. 03).

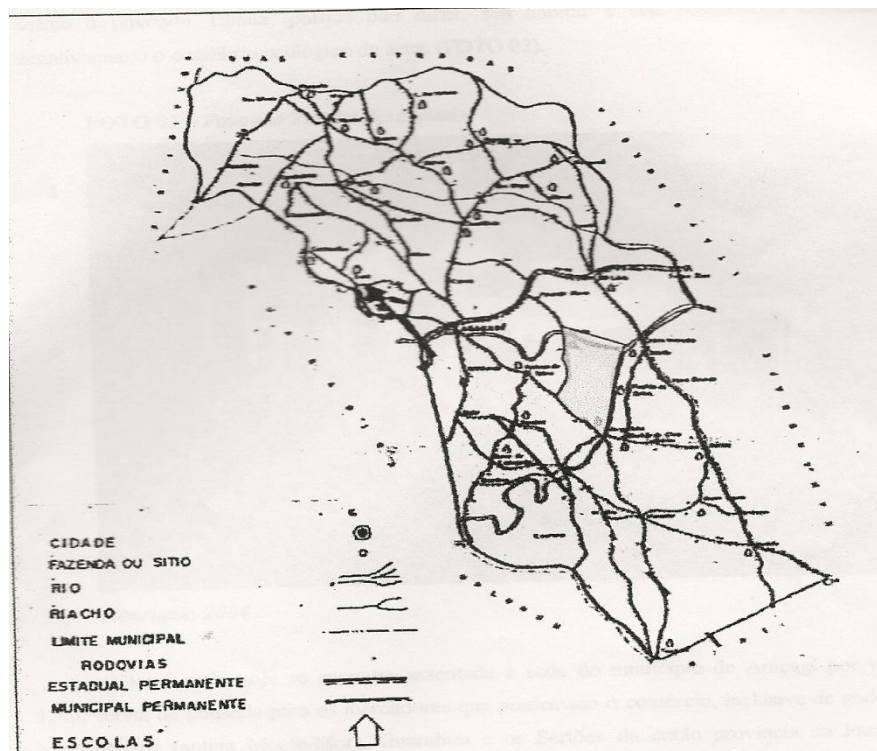


Figura 03: Mapa do município de Araçagi

Fonte: SILVA et al apud HENRIQUE, 2004

O município de Araçagi está inserido na unidade geoambiental da Depressão Sertaneja, que representa a paisagem típica do semi-árido nordestino, caracterizada por uma superfície de pediplanação bastante monótona, relevo predominantemente suave-ondulado, cortada por vales estreitos, com vertentes dissecadas. Elevações residuais, cristas e/ou outeiros pontuam a linha do horizonte. Esses relevos isolados testemunham os ciclos intensos de erosão que atingiram grande parte do sertão nordestino (CPRM, 2005).

A vegetação é basicamente composta por Caatinga Hiperxerófila com trechos de Floresta Caducifólia. O regime climático é quente, com chuvas de inverno. A estação chuvosa

se inicia em fevereiro com término em agosto. A precipitação média anual é de 750 mm. Não se dispõe de informações sobre a rede fluvial e reservatórios superficiais nessas áreas. O potencial hidrogeológico varia de baixo a muito baixo. A qualidade da água é bastante comprometida, devido à alta salinidade. (CPRM, 2005).

O município de Araçagi encontra-se inserido nos domínios da Bacia Hidrográfica do rio Mamanguape, a qual possui uma área de 3.522,69 Km<sup>2</sup> (AESAPB, 2010). O rio Mamanguape nasce na lagoa Salgada, situada entre os Municípios de Pocinhos, Areal e Montadas, a mais de 500m de altitudes, no Planalto da Borborema. Caracteriza-se como divisor dos municípios de Lagoa de Roça, Lagoa Seca, Matinhas e Alagoa Nova.

Os principais tributários do município de Araçagi são os rios Mamanguape e Araçagi, além dos riachos: Pau d'Arco, Guandu, da Nascimento, Grande, Bananeiras, Tananduba, Barreiro, da Barra, Salgado e Taumatá. Os principais corpos de acumulação são os açudes: Barriguda, Novo, Morgado e Violeta. Os principais cursos d' água no município têm regime de escoamento Intermitente e o padrão de drenagem é o dendrítico (CPRM, 2005).

O município apresenta uma cobertura vegetal arbustivo-arbórea, com a presença do marmeleiro, mangueira, cajueiro, castanheiro, e pau d' arco, destacando-se ainda a Canafístula, o juazeiro, o mulungu, a barriguda e o mandacaru. Neste lugar, existem também as plantas frutíferas, que fazem parte da economia da região e serve para alimentar a população: mandioca, goiaba, acerola, côco e o abacaxi, dentre outras.

Atualmente o abacaxi, se destaca como principal fruta cultivada no município, o que coloca o mesmo em 3º lugar no estado da Paraíba, segundo o BNB (BNB, 2010). Essa colocação se deve em grande parte, a construção da barragem de Araçagi, que possibilitou aumentar o número de área cultivada. Além deste, existe o cultivo da cana de açúcar produzida em área considerável e a fabricação da farinha de mandioca, que também já teve seu destaque na economia do município. O conchelo tem várias casas de fabricação da farinha de mandioca, que é produzida tanto para o consumo próprio das famílias, como para a venda nas feiras livres da região.

A população de Araçagi, conta um total de 17.224 habitantes, segundo o IBGE, como pode ser verificado no Gráfico 01. Este contingente populacional é residente em sua grande parte na zona rural (GRÁF. 02), e o predomínio é de pessoas do sexo feminino.



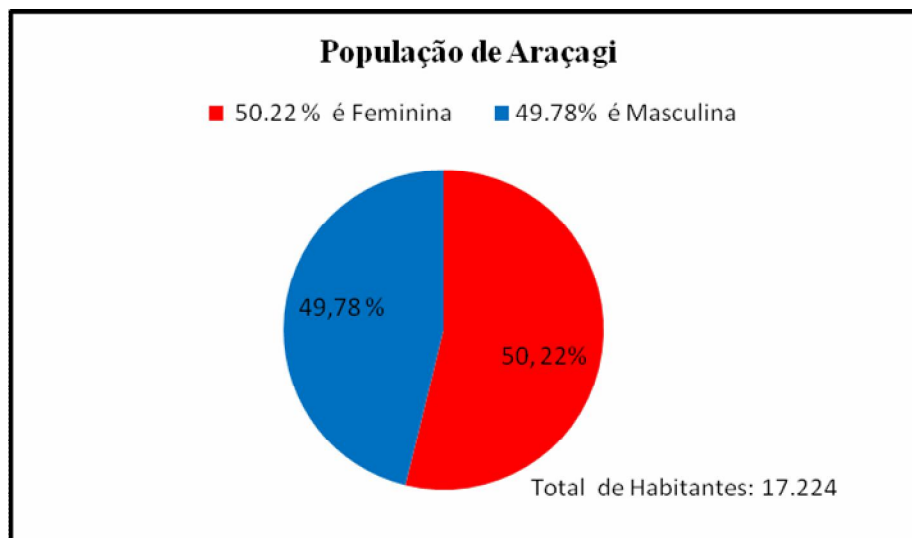


Gráfico 01- População de Araçagi- 2010

Fonte: IBGE, 2010

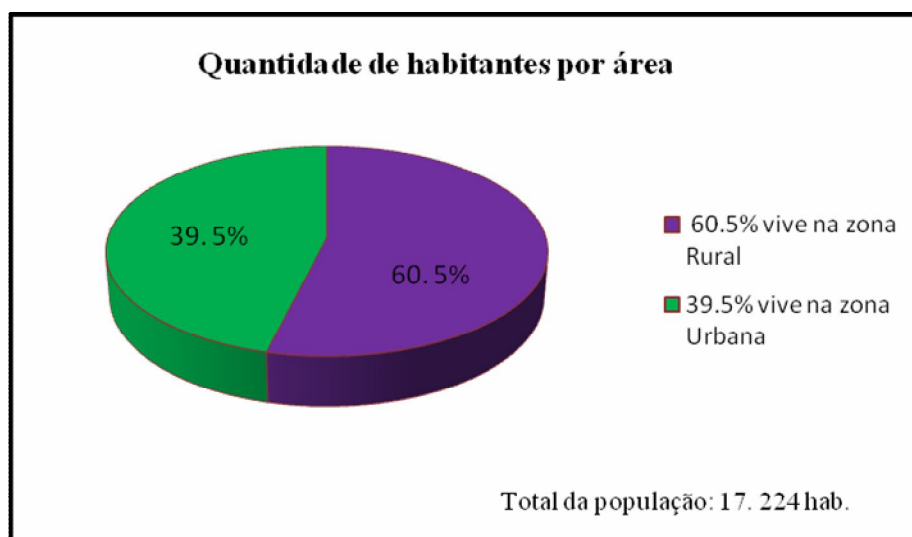


Gráfico 02 – Quantidade de habitantes por área -2010

Fonte: IBGE, 2010

No aspecto econômico, o município destaca-se na agricultura de subsistência, na pecuária extensiva; produz castanha de caju, farinha de mandioca, urucum e criação de caprinos, bovinos, ovinos, muares e asininos. De acordo com a Confederação Nacional dos Municípios (CNM, 2006), o município arrecada de receita: R\$ 11.436.079,67 (Onze milhões, quatrocentos e trinta e seis mil, setenta e nove reais e sessenta e sete centavos). O município tem um PIB de 82, 175.80 (Oitenta e dois mil, cento e setenta e cinco reais e oitenta centavos) conforme dados da CNM de 2006.

## 4.2 A Comunidade Tainha

O antigo povoado da Tainha, com mais de 100 anos (FOTO 02), é um dos sítios que compõem o município de Araçagi e que será parte do objeto desta pesquisa em curso, o mesmo está localizado na parte centro oriental do município, com uma área de aproximadamente 6 km<sup>2</sup>, limita-se ao norte com o sítio Fazenda Nova (atual Agrovila Tainha); ao sul com a Agrovila Mulunguzinho, a leste com o assentamento Santa Lúcia e ao oeste, o sítio Pacheco, também quase inexistente devido as águas da barragem Araçagi.



Foto 02: Visualização do Povoado da Antiga Tainha

Fonte: GRACIANO, - 2000

O povoado da Antiga Tainha é banhado no sentido leste-oeste pelo rio Araçagi, dividindo assim o povoado, em Tainha sítio e Tainha povoado. O mesmo foi desabitado com a construção da barragem Araçagi-PB. Este estudo visa abordar o processo de relocação das famílias da comunidade Tainha e as transformações sócio-culturais que aconteceram com o represamento do rio.

Segundo Henrique (2004), o local onde hoje se localiza a sede do município, por volta de 1750, servia de pousada para os mercadores que praticavam o comércio, inclusive de gado, entre Mamanguape (antiga Monte-Mor), Guarabira e os sertões da então província da Paraíba. A região era habitada pela Nação indígena Guandu. Alguns desses mercadores, a partir das relações de amizade com os índios Guandus, resolveram se estabelecer nas proximidades e fixaram-se em um lugar conhecido como Rio dos Araçás.

Conta a tradição oral que entre os mercadores havia um português e se chamava de Manoel Jorge. Tomado de afetividade pelas coisas locais, este português estabeleceu-se em um lugar denominado Tainha (área de estudo da mesma) e acasalou-se com uma escrava de seu pai Francisco de Melo, mais conhecida por Dona Chiquinha. O casal teve vários filhos constituindo-se no princípio de muitas gerações (FOTO 03).



Foto 03: Sítio Tainha em 1969.

Fonte: Arquivo da família.

Historiadores acreditam que foi Papai Manoel, como assim era chamado, o doador de uma propriedade situada às margens do Rio dos Araçás. A doação teria sido em homenagem a Sagrada Família: Jesus, Maria e José, visto que o mesmo era um praticante da fé católica. A partir daí começa a ser erguida a cidade de Araçagi. O termo do nome da cidade provém de origem indígena, que significa terra dos Araçás, numa alusão a grande quantidade de plantas que se espalhavam pelas margens do rio existente.

A história da comunidade Tainha está totalmente vinculada, com o surgimento da cidade de Araçagi, o qual se deu em meados do século XVIII. Os fundadores do povoado foram os mesmos que povoaram com a ajuda de outras famílias a sede da cidade.

O termo “Tainha” provém da grande quantidade de peixes “Tainha”, que existia no início da formação da localidade, no rio que a cortavam, o rio dos Araçás. Os indígenas, depois os demais moradores, utilizava o rio não só para a pesca, como também para outros meios, como o uso da água para beber, tomar banho, dentre outras.

O senhor Manoel Jorge por ter se acasalado com uma escrava do engenho de seu pai, na região de Areia, e ter sido expulso do mesmo, recorreu ao Rei D. João VI, que em visita a Mamanguape (antiga Monte-Mor), distribuiu várias sesmarias, que era lote de terra para o cultivo, equivalente a duas léguas por uma. O Sr. Manoel Jorge, filho de portugueses, nativo da cidade de Areia-Pb, foi um dos contemplado, assumindo o compromisso de povoar esta região, vindo a residir nas terras que tinha ganhado (hoje essa área corresponde aos sítios Barro Vermelho, Tainha e Maracujá). Ali montaram uma fábrica de redes, e tecidos, dando condições de sobrevivência aos povos que por lá chegavam.

O casal teve vários filhos (Bárbara, Silvério, Castor, Régis, Tereza Ceciliano, Policarpo, Manoel Jorge, O Neco Jorge), e assim o povoado da tainha começou a ser habitado. Logo em seguida, outras famílias apareceram com as mesmas nacionalidades, pois atracavam em Lucena e Cabedelo se espalhando pela Baía da Traição e chegando a Tainha. Daí começou-se a atividade agropastoril expandindo-se por toda a região.

Como pretendiam povoar a comunidade, começaram os casamentos entre as famílias e posteriormente entre os primos por mais de duas gerações, mantendo desta maneira, seus sobrenomes como: Jorge de Souza, Vieira, Régis, Ferraz, Serrano e outros. Com o passar dos anos, as famílias que eram de uma virtude religiosa grande, se reuniam em suas residências para a prática de orações e outros ritos religiosos.

Depois edificaram uma capela em homenagem ao Sagrado Coração de Jesus, que foi construída com a ajuda de todos. No início esta igreja foi edificada em taipa, e com o passar dos anos, edificou-se a de tijolos no mesmo local. Segundo alguns moradores, os homens faziam caieiras (forno de olaria construído com os próprios tijolos que se vão cozer), e assim construíam os próprios tijolos para a edificação do templo. A igreja foi construída em tijolos no ano de 1900, pelos mestres: João Evangelista e José Evangelista. Em 1930 foi feita a primeira reforma da capela, construindo a lateral da igreja. Com isso a comunidade, passou a celebrar todos os anos a festa de seu padroeiro, o Sagrado Coração de Jesus, sempre no final do ano, em novembro ou dezembro.

O povoado da Tainha tinha quatro ruas, que eram: Rua do Centro, Rua do ABC, Rua Alto dos Vieiras e Rua do Cedro. Todas receberam esse nome de acordo com o histórico das mesmas. Na Rua Alto dos Vieiras, por exemplo era porque a grande maioria pertencia a esta família. Nestas ruas, as famílias mantinham uma proximidade em comum, pois todas ou em sua grande maioria pertenciam a uma única família, a família da comunidade Tainha, que provém de um mesmo descendente, o Senhor Manoel Jorge.

Conforme conversa com uma das grandes moradora da localidade Maria do Carmo Jorge de Mendonça (in-memorian), as ruas eram povoadas pelas famílias como mostra o quadro 02.

| <b>Rua do Centro</b>       | <b>Rua do ABC</b> | <b>Rua do Cedro</b>  | <b>Rua Alto dos Vieiras</b> |
|----------------------------|-------------------|----------------------|-----------------------------|
| - João José de Souza Filho | - Manoel Régis    | - Francisco Hermínio | - Manoel Vieira             |
| - José Rafael              | - Joaquim Régis   | - Antônio Hermínio   | - José Vieira               |
| - José Jorge Silvério      | - José Régis      | - José Hermínio      | - Antônio Vieira            |
| - José Evangelista         | - Severino Régis  | - João Hermínio      | - Manoel V. Filho           |
| -Joaquim Jorge             | Pedro Castor      | - Luís Rafael        | - Severina Vieira           |
| - Manoel Laurentino        | Antônio Castor    | - João Laurentino    | e Outros...                 |
| - Manoel Bandeira          | e Outros...       | e Outros...          |                             |
| - João Evangelista         |                   |                      |                             |
| - Manoel Jorge de Souza    |                   |                      |                             |
| Antônio L. de Souza        |                   |                      |                             |
| João Oliveira de Souza     |                   |                      |                             |

Quadro 02: Famílias da comunidade da Tainha, divididas por ruas.

Fonte: HENRIQUE, 2004

É interessante notar, como as ruas eram habitadas por famílias específicas. As ruas do Centro, do ABC e do Cedro se localizavam as margens direita do rio Araçagi e a do Alto dos Vieiras às margens esquerda.

De acordo com Henrique (2004, p.50),

essas gerações foram educadas pelo Mestre Nilo, migrante que chegou ao povoado pedindo abrigo, ao mostrar ser de boa conduta e boas falas, o que impressionou aos filhos das famílias. Desta forma ele ganhava credibilidade de todos. Enquanto ele ensinava aos filhos das famílias, ganhava em troca alimentos para sobreviver, como também conseguiu doação de um terreno e construiu sua própria casa.

Até a década de 50 do século passado, o povoado Tainha não se havia destacado economicamente, quando foi construído então, o Engenho Conceição, de propriedade do senhor José Guilherme da Silva que era o dono da maioria daquelas terras. Intensificou-se a plantação de cana-de-açúcar, e com isso a produção de aguardente de cana, da famosa “Topa Tudo” (FIG. 04), como ficou conhecida na região e até na capital paraibana, sendo bem



comercializada pelo alto teor de pureza. Com o passar dos anos, precisamente na década de 90, o engenho foi desativado. Segundo os filhos do proprietário, a desativação se deu em virtude de problemas financeiros e de doenças que atingiram o proprietário.



Figura 04: Rótulo da aguardente de cana “Topa tudo”

Fonte: Arquivo do autor, 2010

Além da comercialização deste, destacou-se naquela área a pecuária e a fruticultura com a produção de laranjas, mangas, feijão, milho, amendoim, fava, urucum, dentre outras. A comunidade também cultivava o algodão, sisal (agave) e a mandioca. Com o cultivo da mandioca, foi construída uma casa de farinha movida a braço, e que também contribuiu para o desenvolvimento local. Na década de 90, a horticultura ganhou destaque, sendo comercializado o tomate, o pimentão, coentro, alface, nas feiras da região.

As atividades culturais, também se fizeram presente, neste lugar, como as danças típicas (coco de roda, lapinha, reuso, ciranda); fantoches, além do desfile pelo dia da pátria. Percebe-se a produção em pequena escala, mas de grande importância para o desenvolvimento da localidade, o que fez o sítio Tainha, ser um dos sítios mais importantes do município. Tanto no aspecto histórico, cultural, religioso e econômico, a comunidade teve relevante papel.

### 4.3 A construção da Barragem

A construção da barragem de Araçagi começou em 1999, mais precisamente no dia 05 de maio, quando o Governador da Paraíba, ao visitar a área de canteiro das obras, deu início a construção da mesma. Antes do início, em 1998, os topógrafos começaram a fazer as medições da área que seria ou teria parte inundada pelo barramento. A população ouvia vários comentários, como: “vai ser construída uma barragem e vai inundar todo o povoado”, “os engenheiros já vem medindo”, e assim entre outros, fizeram parte das conversas dos moradores da região. Porém, tudo foi virando realidade e aos poucos a população foi tomando conhecimento do que viria a causar uma verdadeira mudança na vida daquela população.

Com a construção da barragem, começou também um movimento de luta e reivindicação dos moradores, que ficou conhecido como Movimento da Barragem, para que as famílias fossem realocadas ou indenizadas em outro local seguro, a qual não sofresse com as futuras inundações. A Associação Comunitária da Tainha foi a representante legalmente constituída para representar os moradores juntamente com o apoio da Comissão Pastoral da Terra (CPT) da Diocese de Guarabira. A partir de então começavam as reuniões, passeatas e outros eventos pela luta da realocação das famílias que seriam atingidas (FOTO 04).



Foto 04: Movimento em luta pela realocação das famílias atingidas com a barragem Araçagi- Pb  
Fonte: GRACIANO, 2000.

Em 26 de julho de 1999, os moradores foram até a Câmara de Vereadores do município, para mostrar a situação e com isso, garantir o apoio do poder público, que até esse

momento não acreditava nisto e criticava o movimento. Músicas foram criadas, como o “Xote dos Desabrigados” (uma versão a música cantada por Luís Gonzaga “Xote Ecológico”), faixas diziam: “Barragem Sim! Desabrigados Não! Queremos Terra e Indenização!”.

A luta dos moradores continuou, com passeatas na cidade de Guarabira, com ocupação a sede do Instituto de Terras e Planejamento Agrícola da Paraíba (INTERPA) em João Pessoa (FIG. 05), com as reuniões que aconteciam quase que semanalmente nas comunidades. Nestas reuniões o governo estava representado pelos seus secretários. Eram cerca de 10 comunidades que seriam atingidas: Tainha, Mulunguzinho, Jacinto, Riachão, Junco, Pacheco, Fazenda Nova, Água Fria e Barro Vermelho.

Além destas, possivelmente a cidade também sofreria o drama da construção, o que de fato não aconteceu por decisão do governo de diminuir a altura do barramento, logo após perceber que seria um impacto de grande dimensão. As famílias, não mediam esforços para ter a garantia de seus bens, e com isso se organizavam de tal maneira, o qual chamava a atenção de outras comunidades, até de outros moradores, que no início tinha receio de tal movimento. O Movimento persistiu ao longo do processo de construção do barramento.



Figura 05: Ocupação a sede do INTERPA- JP  
Fonte: Jornal O Norte, 2002

A garantia de que as famílias seriam realocadas e que as mesmas teriam suas plantações indenizadas, veio somente em janeiro de 2001, depois de um grupo de moradores irem até o canteiro de obras e abrir o barramento que estava sendo construído antes da barragem, o mesmo tinha sido feito para controlar a vazão da água. Depois deste acontecimento, o governo percebeu que o povo estava organizado e que não aceitava o modo de atendimento dado até aquele momento a população.



De acordo com o documento “Terra Sim, Barragens Não”, do I Encontro Nacional dos Atingidos por Barragens, realizado em Goiânia, no ano de 1989:

as negociações coletivas, valores de indenizações compatíveis com o mercado, terra por terra, reassentamento para os sem-terra são algumas vitórias que acontecem diante da situação. Todavia, esse êxito não eliminam a desorganização do mercado de terras e imóveis, o aumento dos sem-terras, a migração para as cidades, a dispersão de comunidade e povoados, e a desorganização do próprio movimento dos atingidos (Fraqueamento do documento do I Encontro Nacional dos Atingidos por Barragens, apud Gonçalves 2001, p.161 ).

Foram duas, as áreas desapropriadas pelo governo para realocar os moradores das comunidades atingidas, uma próxima a cidade de Araçagi, denominada de Fazenda Nova (atual Agrovila Tainha, com 175 hectares) e outra próxima ao sítio Mulunguzinho, denominado de Malícia (atual Agrovila Mulunguzinho, com 130 hectares).

A construção das casas se deu a partir de outubro de 2001, com o processo de terraplanagem e em seguida a construção das moradias em ambas as áreas. Primeiro, foi construída a Agrovila Tainha e em seguida a Agrovila Mulunguzinho. Além das áreas desapropriadas, as famílias receberam as indenizações, de plantas, hortaliças, fruteiras e terrenos que seriam futuramente inundados.

A proposta dada inicialmente, pelo governo era de construir as casas em formato de pré-moldadas ou placas, sem as condições dignas para as famílias habitarem. Na comunidade onde morava, a maioria possuíam casas de tijolos e não aceitava neste formato. Porém, através da luta e organização dos habitantes do lugar, juntamente a órgãos representantes do povo, anteriormente citados, negociaram a edificação de residências feitas a tijolos, com inclusão de banheiros, lavanderias e outras a mais.

O modelo de construção das casas foram de 3 dimensões: tinha-se a casa de 54 metros para as famílias de casa menores, a de 75 metros para as de casas de tamanho médio e as de 90 metros para as famílias que tinha casas maiores.

A barragem de Araçagi foi inaugurada em 05 de julho de 2002, quando também se inaugurou as duas agrovilas (áreas desapropriadas para realocarem os moradores), em que tinham sido construídas as moradias. A inauguração contou com a presença do Governador Antônio de Sousa Roberto Paulino, do secretário da Secretaria de Estado do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Ciência e Tecnologia (SEMAH), do representante do INTERPA, dentre outros secretários e diretores. Um grande número de pessoas se fez presente neste ato de inauguração. Foi um dia que marcou o município de Araçagi e das localidades envolvidas.

Mas, é importante destacar que, as famílias das comunidades atingidas foram transferidas antes da inauguração das agrovilas e da barragem, tudo isso porque com a quantidade abundante de chuvas caídas na região durante o mês de junho, a barragem encheu antes de ser inaugurada, obrigando assim, os moradores ocuparem as áreas construídas mesmo antes de sua inauguração. A comunidade Tainha teve sua população removida às pressas, no período de 17 a 19 de junho, à revolta dos moradores, visto que, alguns não esperavam sair daí daquela forma, às pressas e porque a área na qual tinham sido edificadas as casas, não contava ainda com energia elétrica, água canalizada, dentre outras.

As famílias atingidas foram num total de 390, distribuídas entre as comunidades rurais e pequena parte da cidade. A maioria destas optou pela casa e a terra, e a minoria pela indenização de tudo. Era “casa por casa e terra por terra”, diziam os moradores aos organizadores do movimento, quando chegavam às reuniões para se decidir e levarem a proposta ao governo. Todavia, faz-se necessário lembrar, que alguns moradores não receberam a indenização de suas plantações, um pequeno grupo ficou sem essa garantia.

A obra construída foi estimada em R\$ 12.890.960, 57, destinados a construção da mesma. A área inundada pela construção foi de 2.322,5 km<sup>2</sup>, onde o sítio Tainha detém 302 hectares e o sítio Mulunguzinho 260 hectares (áreas maiores atingidas). O espelho d'água é de 847 hectares com uma vazão máxima de 2.000 m<sup>3</sup>/s e o sangradouro têm uma largura de 250 metros. (SILVA, 2002).

Segundo dados da Secretária de Saúde do Município, o povoado da Tainha, na época em que houve a realocação para a agrovila, contava com 149 prédios e um número de 522 habitantes, distribuídos pelas principais ruas e aglomerados existentes. A sua área territorial correspondia aproximadamente 6 km<sup>2</sup>.

Todo esse povoado, com uma história ao longo de vários séculos, foi destruído com a cheia da barragem de Araçagi, que aconteceu antes mesmo de sua inauguração. A população ficou num estado de tristeza, ao ver toda a sua história, sua cultura sendo destruída. Uma prática que é comum no Brasil de hoje, onde a busca pelo progresso revela essa outra face.

A luta para se ter a garantia das moradias e acesso a terra, como diz a CPT da Diocese de Guarabira “não foi em vão”, pois as agrovilas construídas, as indenizações recebidas, indicam que a sociedade civil organizada e atenta as questões do governo, pode ter seus direitos garantidos, o que não aconteceu com os atingidos pela barragem de Acauã, no agreste paraibano. Foram 4 anos de luta, mas com a conquista da vitória.

## 5 O COTIDIANO DA AGROVILA TAINHA HOJE

### 5.1 Caracterização da Agrovila Tainha

A agrovila Tainha (FOTO 05), construída devido o barramento do rio Araçagi, está localizada as margens direita da PB 057, que liga os municípios de Araçagi a Itaporoca, distante 3 km da zona urbana do município. A mesma foi feita em terras pertencentes ao antigo fazendeiro José Rozeno, conhecida por Fazenda Nova, que teve toda área desapropriada pelo governo, para reassentar as famílias dos povoados Tainha, Pacheco, Junco, Água Fria e da própria Fazenda Nova. O total de famílias realocadas nesta delimitação foi de 125 famílias. Os povoados num total de cinco, passaram a constituir um só povoado.

Para a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (EMBRAPA, 2007), “*agrovila é um aglomerado de residências no meio rural cujos moradores se ocupam de atividades agrícolas ou rurais*”. De acordo com essa definição, a comunidade Tainha, é considerado um conjunto inserido no meio rural, tendo os moradores a ocupação de atividades ligadas ao campo. O nome “Agrovila Tainha” surgiu de acordo com esta definição e engloba também o nome da antiga localidade.



Foto 05: Visualização da Agrovila Tainha, em 2002

Fonte: SOUZA, 2002

A área total do aglomerado é de 10 hectares, segundo informações dadas pelo Presidente da Associação dos Agricultores da Comunidade Tainha, Luiz Vieira Graciano. Ele também afirma que das 175 hectares de terra desapropriada, 34 é de mata florestal, uma área destinada a ser conservada pelos moradores. Os demais hectares, que ficam em torno do conjunto, estão destinados para o plantio de culturas de subsistências, como para a criação de animais. Esse espaço, em torno da agrovila atualmente, pertence a toda comunidade.

O núcleo de povoamento foi construído com 126 residências, para abrigar as famílias desalojadas, mas com o passar dos anos, esse número aumentou e hoje a mesma conta com um total de 146 casas edificadas. O total de moradores é de 500 habitantes, tendo em média 3 pessoas por moradia. Existe na agrovila um total de oito ruas, as quais têm nomes específicos, colocados em homenagem a pessoas ilustres para a localidade (QUAD. 03).

| <b>RUAS DA AGROVILA TAINHA COM OS SEUS RESPECTIVOS NOMES</b> |                                    |
|--|------------------------------------|
| <b>Rua Monsenhor Luiz Pescarmona</b>                         | <b>Rua Amélia Gomes do Prado</b>   |
| <b>Rua Joaquim Vieira de Souza</b>                           | <b>Rua Nossa Senhora de Fátima</b> |
| <b>Rua Joana Vieira de Lima</b>                              | <b>Rua Padre José Paulo</b>        |
| <b>Rua Santo Antônio</b>                                     | <b>Rua Bela Vista</b>              |

Quadro 03: Nome das ruas da Agrovila Tainha

Fonte: SOUZA, 2010

Os nomes das ruas e dos locais existentes para construção de área de lazer foram oficializados através de um projeto de lei, aprovado na Câmara Municipal de Araçagi em março de 2002. O local existente em frente à igreja católica denominou-se de Praça José Guilherme da Silva e o outro local desta vez, próximo a escola da comunidade, de Praça dos Direitos Humanos. Na realidade tem-se apenas o nome, porque ainda não foram construídas.

Vale destacar, que os nomes dado as ruas, partiram também da iniciativa popular, que como pode ser percebível, desempenhou um papel importante frente ao desenrolar da construção da barragem e transferência dos moradores para novas áreas. As vias construídas foram pavimentadas, assim como o acesso a rodovia estadual.

As maiores ruas são: Rua Monsenhor Luís Pescarmona, Joaquim Vieira de Souza, Padre José Paulo e Santo Antônio. Em cada uma delas, as casas foram construídas em 3 padrões, porém com o passar dos anos, as mesmas sofreram alterações no seu formato. As famílias estão divididas em ruas, percebe-se que os moradores do antigo Pacheco se

concentram mais na Rua Santo Antônio, o mesmo ocorre com os moradores da antiga Tainha, que se concentram nas ruas Monsenhor Luís e Joaquim Vieira (FOTO 06).



Foto 06: Visualização da Rua Joaquim Vieira- Agrovila Tainha

Fonte: SOUZA, 2008

A agrovila é dotada de uma boa infraestrutura, conseguida através de muita luta. São ruas pavimentadas; eletrificação de boa qualidade; água canalizada; espaço livre, para futuras construções de área de lazer (praças, ginásios, quadras, etc.); templos religiosos; prédio escolar; posto de saúde; além de casa de farinha e rede telefônica. Todo esse conjunto de instalações necessárias às atividades humanas, só foi possível, através da organização que se deu, por parte dos moradores, ao mesmo tempo em que se construía a barragem. Começava a construção da estrutura física, quando começava também a luta dos habitantes, para que não ficassem desabrigados.

## 5.2 A Agrovila Tainha no presente

Na Agrovila Tainha, a religiosidade do povo se mantém firme, ao longo dos anos. Através de suas manifestações religiosas, onde o ponto alto é as festividades realizadas em novembro ao padroeiro do lugar, o povo continua a demonstrar o grande respeito e amor às coisas consideradas sagradas. A fé ao Sagrado Coração de Jesus, se mantém firme há mais de 100 anos. A igreja católica (FOTO 07) é a principal igreja da localidade e fica localizada no centro do conjunto. Já as outras denominações religiosas não possuem templo, mas se reúnem

nas casas dos fiéis, sempre que desejam realizar suas atividades, ou vão para a cidade onde existem os templos religiosos.

Com a festa dedicada ao padroeiro do lugar, acontece também a festa profana, com a presença de parques de diversões, grupos musicais e o público, considerado bom ao longo dos anos. Verifica-se a presença de pessoas, famílias, vindas de outras cidades para as festividades. É um momento de fé, devoção e também de encontro das famílias do lugar.



Foto 07: Visualização da Igreja Católica da Tainha

Fonte: SOUZA, 2008

Um evento cultural que acontece todos os anos no mês de julho, na Agrovila é a cavalgada (passeio a cavalo), a qual desde 2006 é realizada. O evento tem seu início na comunidade e segue até chegar à cidade de Araçagi. Com o apoio da comunidade local e do poder público, o passeio é um meio de diversão e lazer para as pessoas que gostam de praticar esse tipo de esporte. Em média, cerca de 3 mil pessoas comparecem a este evento, entre cavaleiros e amazonas e o público em geral.

A iniciativa de criar este evento partiu do ex-pároco da cidade, o Pe. Gaspar Rafael, com o apoio inicialmente de amigos próximos. Com o passar dos anos a cavalgada ganhou destaque regional e atualmente está inserido no calendário de eventos turístico do Estado da Paraíba. A mesma é um acontecimento que faz parte das comemorações do município pela passagem da emancipação política. A cavalgada é considerada o maior evento cultural na comunidade, segundo alguns moradores do lugar.

Nos fins de semana, acontece à prática do futebol, modalidade esportiva, que atrai grande parte da juventude. Eles se dirigem até o campo de futebol, localizado atrás do colégio. Os times existentes já participaram de campeonatos a nível regional.

A comunidade tem uma Associação Comunitária, onde através dela, foi possível a vinda de alguns cursos em parceria com órgãos estaduais. Os mesmos constituem de suma importância para o desenvolvimento local. Os cursos que vieram ao longo dos 8 anos da Agrovila Tainha, foram: Curso de cabeleireiro, de informática, de corte e costura, de fabricação de material de limpeza, curso de manutenção em trator, curso de criação de frango, curso de pintura artesanal e por último mais um curso de informática, incluindo manutenção.

Um bom número de pessoas foi atendido com essas capacitações, porém, essas pessoas atualmente não desenvolvem nenhuma atividade, relacionada ao que aprendeu. Segundo elas, falta incentivo por parte do governo, na questão de oferecer um apoio inicial, com uma infraestrutura para o desenvolvimento das ações, e por isso sente-se desestimuladas e não desenvolvem o conteúdo aprendido nos cursos.

Além destes cursos, vindo para capacitar alguns moradores da Agrovila, a Associação conseguiu através do Projeto Cooperar, a construção de uma casa de farinha (FOTO 08), para a fabricação da farinha. A casa de farinha é totalmente modernizada, com as suas funções realizadas de maneira que pouco se utiliza a força braçal. O processo manual só acontece na raspagem, depois tudo funciona na eletricidade. Com isso é notado, o crescimento do cultivo da mandioca para fabricação da farinha que é comercializada na feira livre do município e para o próprio consumo.



Foto 08: Visualização da casa de farinha da Agrovila  
Fonte: SOUZA, 2008



Na Agrovila Tainha, depois de oito anos que as famílias foram realocadas, ainda podemos conviver com alguns problemas. Um deles refere-se a qualidade da água. Apesar de a água ser canalizada, ela se apresenta sem nenhum tratamento. Captada diretamente da barragem através de um motor, sendo conduzida por canos até chegar às caixas d'água para ser distribuída a população local, a água não sofre nenhum processo de tratamento. Desse modo, a sua qualidade não é de boa, o que compromete a saúde da população contribuindo para várias doenças. Além disto, é constante a falta, sobretudo, no período de verão. Uma comunidade realocada por causa d'água convive com essa deficiência.

A adutora (FOTO 09) iniciada logo após a inauguração da represa, ainda não ficou pronta. Esse fato compromete as condições de vida da população da agrovila e também o abastecimento da região para a qual foi edificada. A solução, dizem alguns moradores, é que ao redor do aglomerado, existem 4 pequenos açudes e estes serve de abastecimento quando ocorre a falta da água, que as vezes dura semanas.



Foto 09: Visualização da adutora em construção desde 2003

Fonte: SOUZA, 2010

Os espaços de lazer para a juventude são poucos, ou quase inexistentes. Os pequenos açudes já citados anteriormente servem de lazer nos finais de semanas, sobretudo, no verão. É interessante notar a falta de áreas para a diversão. *“Nos finais de semana, não temos aonde irmos, pois na antiga comunidade, tinha ao menos uma pequena praça, onde se podia conversar, trocar idéias, reunir os colegas, namorar, etc. Aqui existe apenas o local para construção, mas nada foi construído”*, coloca o jovem.



Ao entrevistarmos alguns moradores do povoado da Agrovila Tainha, percebe-se várias transformações ocorridas, devido o barramento do rio. Através do comentário de algumas famílias, podemos observar os pontos positivos e negativos da construção da barragem. Verifica-se algumas implicações econômicas, como também, mudanças nos hábitos culturais da comunidade. Tais quais pode ser visível no quadro 04:

| <b>Pontos positivos</b>  | <b>Pontos negativos</b>  |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> <li>- Melhoria no acesso as cidades da região;</li> <li>- Transporte;</li> <li>- Melhora da qualidade de vida;</li> <li>- Melhoria do transporte;</li> <li>-Maior acesso a saúde e a educação;</li> <li>-Área muito arborizada;</li> <li>- Novas visões de mundo;</li> <li>- Contato com novas técnicas, tecnologias;</li> <li>-Acesso a internet;</li> <li>-Acesso ao telefone público, residencial, celular;</li> <li>- A realização da cavalgada.</li> </ul> | <ul style="list-style-type: none"> <li>- Degradação ambiental, ocasionado pelo despejo de esgotos;</li> <li>- A questão da falta d' água, principalmente tratada;</li> <li>- Emprego para as famílias;</li> <li>-A área não é saneada;</li> <li>-Poucas áreas de lazer;</li> <li>-Perda da cultura (músicas, danças, histórias);</li> <li>-Perda de habilidades de pesca e da utilização do rio;</li> <li>-Perda do sentido de lugar;</li> <li>-Enfraquecimento dos laços de amizade e solidariedade;</li> <li>- Perda da identidade (costumes e tradições);</li> <li>- Plantio de abacaxi.</li> </ul> |

Quadro 04: Pontos positivos e negativos da Agrovila Tainha

Fonte: Dados da pesquisa, 2010

Um ponto importante destacado de forma negativa pelos moradores é a falta de terras para o plantio. As famílias receberam as casas, forma indenizados, porém a promessa da terra aos moradores não foi cumprida. Tem-se afirmado em documento, de que as terras, a qual seriam desapropriadas, estaria sendo distribuída no total de 2 hectares para cada família que não possuía nenhum pedaço na antiga localidade, já aos demais seria de acordo com a quantidade que eles tinham. As pessoas cultivam em terrenos próximos ao conjunto, todavia,

não é suficiente para atender a demanda, e muitos, buscam sobreviver de recursos do governo federal, às vezes insuficientes para a sobrevivência.

Foi possível, encontrar outros pontos negativos ao longo da pesquisa feita tais como:

- A retirada da comunidade que moravam no local, ou seja, no sítio, onde de tudo produzia um pouco para sua sobrevivência;
- Descumprimento na entrega das indenizações: apenas alguns moradores receberam, enquanto outros depois de oito anos ainda estão esperando a boa vontade do governo;
- Aumento do número de pessoas desempregadas, pois antes as mesmas viviam da agricultura e da pecuária. Atualmente, sem suas terras para o cultivo, os moradores, isto é, alguns deles estão vivendo basicamente de programas assistências do governo federal, outros fazem pequenos plantios em terrenos não pertencentes a eles;
- Valor da indenização paga aos trabalhadores rurais residentes na área alagada geralmente inferior ao preço real;
- Deslocamento compulsório da população para terras menos produtivas, gerando empobrecimento e êxodo rural e aumentos nas periferias das grandes cidades;
- Destruição do patrimônio cultural (FOTO 10), que constituía a referência para a vida social e;



Foto 10: Visualização de uma casa inundada pelas águas da barragem Araçagi

Fonte: SANTOS, 2002

- Alteração das vias terrestres de comunicação. A barragem de Araçagi, apesar dos responsáveis afirmarem de terem sido tomadas as diversas medidas para evitar maiores impactos, é facilmente visível a descaracterização do ambiente provocado por tal obra.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa *A Construção da barragem de Araçagi-PB e as transformações espaciais e culturais da comunidade Tainha*, nos possibilitou conhecer o cotidiano da Agrovila Tainha, as relações que se estabelecem nesse lugar, mas, sobretudo, compreender melhor as conseqüências que a construção de um equipamento de tal magnitude causa na vida das pessoas. O estudo da construção de barragem é interessante porque nos leva a conhecer melhor a complexidade desse processo. Assim, nos preocupamos em resgatar os tramites desse processo, para que o leitor compreendesse a complexidade desse processo, que envolve aspectos naturais, sociais, históricos.

Ao longo do processo de construção da barragem muitas foram às mudanças impostas pelo poder público as comunidades atingidas. A barragem Araçagi deslocou várias famílias, que perderam toda uma história de vida, no qual dificilmente se recuperará, visto que ha uma perda total dos seus costumes e hábitos. Foi uma luta de 4 anos, onde a participação do povo foi de fundamental importância para a desapropriação da fazenda do proprietário José Rozeno e para a conquista das indenizações das plantações e dos lugares que foram inundados.

A área compreende 175 hectares, as casas disponibilizadas são de alvenaria, a infraestrutura é razoável, a agrovila possui ruas pavimentadas, água canalizada, igreja, posto de saúde, escola e espaço para construção de futuras áreas de lazer, como praças, ginásios, etc. Porém, vale ressaltar, que essas conquistas resultam da luta da comunidade, pois o governo queria disponibilizar casas com placas.

Foi preciso toda uma movimentação através de ONG's, a exemplo da CPT da Diocese de Guarabira, da Associação Comunitária da Tainha, dentre outras, que encabeçaram a luta junto com os moradores, para essas conquistas. No entanto, a luta continua, porque ainda não foram dadas as terras para as famílias plantarem. A promessa feita em reuniões e passeatas ficou apenas no papel, e é considerado pela população, o maior ponto negativo.

O processo de construção da barragem de Araçagi provocou mudanças consideráveis: a desagregação familiar, algumas famílias moravam juntas, isto é, eram vizinhas e no aglomerado ocorreu à separação; a perda das relações de vizinhança; a relação afetiva com o lugar; o sentimento de convivência em comunidade, hoje as pessoas que reside na agrovila, em sua maioria, não são tão solidárias como eram na antiga localidade.

Hoje, depois de oito anos, morando na Agrovila Tainha, algumas famílias já se encontram mais adaptadas. O sentimento de saudade, por parte de alguns, de carinho pelo

lugar em que viviam antes diminuiu. A saudade foi diminuindo ao longo dos anos, visto que algumas perceberam não ser mais possível voltar para a antiga localidade. Já os mais velhos, sentem uma imensa saudade do lugar que nasceram, viveram, tiveram seus filhos, toda uma vida, marcada pelos laços culturais e familiares.

Algumas manifestações, da qual fazia parte do lugar, era considerada uma verdadeira tradição, como os costumes, relacionamento afetivo entre as pessoas, danças, festejos juninos, e até mesmo comidas típicas perderam o sentido na atualidade. Dizem alguns moradores que não existe mais aquela empolgação de antes, quando morava no antigo povoado e assim a cultura do lugar vai perdendo espaço.

*“A maior saudade não é porque saímos de lá para cá, mas sim, é ter a certeza de que nunca mais voltaremos a morar lá, na antiga Tainha”*, comenta uma das pessoas entrevistada.

Um verdadeiro paradoxo que acontece na Agrovila Tainha, diz respeito à água potável. Na Agrovila a água não recebe tratamento adequado, as pessoas usam de forma bruta, sem nenhum cuidado ao manusear. É algo absurdo, quando observamos que, a construção da barragem veio para resolver o problema do abastecimento. Contudo, os moradores atingidos não têm direito a uma água de boa qualidade.

Seria interessante que o poder público ao propor a construção de uma obra de tal magnitude, realizasse um estudo que levasse em consideração todos ou os principais impactos a qual viria ocorrer no futuro, com a construção, no sentido de minimizar tais impactos. As conseqüências são dramáticas.

O Poder Público estadual ou municipal poderia restaurar os principais pontos históricos da antiga comunidade Tainha (igreja, colégio, engenho, casa de farinha, alguns casas de estilo antigo), para preservar a memória do lugar e manter vivo na mente das pessoas. As gerações futuras do município de Araçagi, não saberão o começo de toda formação histórica relativa ao município, visto que “onde tudo começou”, hoje só existe na memória de alguns moradores. Porém, observa-se que não há uma preocupação do poder público com questões dessa natureza.

Para a melhoria das condições ambientais da área é importante o reflorestamento das áreas situadas próximas as margens da barragem, pois com o passar dos anos e as ações antrópicas, a vegetação nativa vai desaparecendo, sobretudo com as grandes cheias. Também é verificado que sem a cobertura vegetal ao longo das margens, ocorre uma grande evaporação, que poderia ser contida com a vegetação. No período do verão, é visível como a

falta de um bom reflorestamento, poderia contribuir para diminuir a evaporação da água na barragem e desta maneira, evitar tais transformações em torno da mesma.

Percebe-se, assim, que o progresso é implacável, alguém terá que pagar por ele. São particularmente as populações mais pobres que sofrem com as grandes conseqüências dessas intervenções. O desenvolvimento técnico interfere drasticamente no modo de vida das comunidades. O ser racional se torna diante da natureza, às vezes tão irracional, que pode destruir em questões de segundos, o que demorou centenas de anos para ser construído.

É preciso despertar no cidadão, a consciência do qual todos nós somos responsáveis pelas mudanças que ocorre em nosso meio, e diante dos impactos, faz-se necessário a luta organizada e pacífica para preservar o ambiente.

Assim, esse estudo visa refletir sobre esses aspectos, pensar sobre a sociedade no período técnico informacional e resgatar através da memória oral a história de uma comunidade atingida por esse período técnico.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Gilmar. **Rios e governos no Estado do Paraná: pontes, "força hidráulica" e a era das barragens (1853-1940)**. *Varia hist.*, Jun 2008, vol.24, n°39, p.153-175. ISSN 0104-8775

ATLAS ESCOLAR DA PARAÍBA, **Espaço Geo-Histórico e Cultura**. 3ª Ed. João Pessoa. Grafset, 2002.

AGÊNCIA EXECUTIVA DE GESTÃO DAS ÁGUAS DA PARAÍBA-  
<http://www.aesa.pb.gov.br/>. Acesso em 03/12/2010.

AGÊNCIA EXECUTIVA DE GESTÃO DAS ÁGUAS DA PARAÍBA- **Caracterização das Bacias Hidrográficas**. Disponível em <[www.aesa.pb.gov.br/.../relatorio.../2.1%20-%20CaracBaciasHidrograficas.pdf](http://www.aesa.pb.gov.br/.../relatorio.../2.1%20-%20CaracBaciasHidrograficas.pdf)>- Acesso em 12/12/2010.

BRASIL. **Conselho Nacional do Meio Ambiente** – CONAMA. *Resoluções*, 1983.

BARRETO, Maria José Resende. CORREA, Elza Maria Staciarini. **As barragens e os problemas decorrentes de sua construção**. Boletim Goiano de geografia. UFG- Vol. 3 N.1-2. Dezembro/janeiro 1983. [revistas.ufg.br](http://revistas.ufg.br) Acesso em 23-10-2009.

BEZERRA, Maria Auricleide Andrada, et al. **Gestão das Águas de barragens do Nordeste a partir de uma perspectiva social e econômica**. In: 47º Congresso Brasileiro de Economia, Administração e Sociologia Rural- SOBER, 2009. Porto Alegre. Disponível em [www.sober.org.br/palestra/13/612.pdf](http://www.sober.org.br/palestra/13/612.pdf). Acesso em 03/11/2010.

BORSOI, Zilda Maria Ferrão; TORRES, Solange Domingo Alencar. **A política de recursos hídricos no Brasil**. Artigo científico (Versão preliminar). Revista do BNDES, 1997 - Disponível em: [bndespar.com.br](http://bndespar.com.br) . Acesso em 23-10-2009.

CARNEIRO, Joaquim Osterne. A Paraíba nos 500 anos do Brasil. In: CARNEIRO, Joaquim Osterne. **As secas na Paraíba**. Vol. I. Ed. A União, 2000. Cap. 4 p.

CAMPOS, José Nilson Beserra. **Participação do público no processo decisório: açude Castanhão, um estudo de caso**. RAP, Rio de Janeiro. Julho a Setembro de 1995. Pág. 157-170.

CARMO, Edinaldo Medeiro. **De Ribeirinhos a Sertanejos do semi-árido: A intervenção socioeducacional na trajetória dos Atingidos por Barragens**. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação – UFBA, 2007. Disponível em [www.bibliotecadigital.ufba.br/tde\\_busca/processaArquivo.php?...1664](http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/processaArquivo.php?...1664). Acesso em 16-11-2010.

CPRM - Serviço Geológico do Brasil. **Projeto cadastro de fontes de abastecimento por água subterrânea. Diagnóstico do município de Araçagi, estado da Paraíba**. Recife: CPRM/PRODEMM, 2005. 10p. +anexos.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE MUNICÍPIOS-  
[Phhttp://www.cnm.org.br/cultura/mu\\_cultura\\_quadro.asp?iId=2&iIdMun=100125012](http://www.cnm.org.br/cultura/mu_cultura_quadro.asp?iId=2&iIdMun=100125012)

DIEGUES, Antônio Carlos. Água e cultura nas populações tradicionais brasileiras. In: RIBEIRO, Wagner Costa. (orgs). **Governança da água no Brasil: uma visão interdisciplinar**. São Paulo: Annablume; Fapesp; CNPQ, 2009. P. 13-32.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA- **Recomendações técnicas para a produção, abate, processamento e comercialização de frangos de corte coloniais**. Sistemas de Produção, 3 ISSN 1678-8850. Versão eletrônica, Nov. de 2007. Disponível em: <http://sistemasdeproducao.cnptia.embrapa.br/FontesHTML/Ave/SistemaProducaoFrangosCorteColoniais/glossario.htm>. Acesso em 06/12/2010.

GUERRA, Antônio José Texeira. CUNHA, Sandra Baptista da. (orgs.); **Geomorfologia e Meio Ambiente**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. 372p.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo, Contexto, 2001. 178p.

HENRIQUE, Gilvanete Ferreira de Lima. **Despovoamento na comunidade Tainha com a construção da barragem Araçagi**. Monografia de especialização em análise ambiental da Paraíba III. Dept. De Geografia. UEPB- Guarabira, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- Mapas. Disponível em: <http://mapas.ibge.gov.br/divisao/viewer.htm>. Acesso em 18 de novembro de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- Cidades. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 18/11/2010

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- Primeiros dados do censo 2010. Disponível em:  
[http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros\\_dados\\_divulgados/index.php](http://www.censo2010.ibge.gov.br/primeiros_dados_divulgados/index.php). Acesso em: 07/12/2010

LETURCQ, Guillaume. **A diversidade dos atingidos por barragens no Brasil**. Artigo científico. II Encontro de barragens. Maio de 2009.

LOREIRO, Carlos Frederico Bernardo; LAYRARGUES, Philippe Pomier; CASTRO, Ronaldo Souza de. (orgs.); **Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2008.183p

MEDEIROS, Jr. Coriolono. **Dicionário Ciforographico de Estudo da Paraíba**. Ed. Oficial, 1914. 112p.

PROJETO ÁGUA-RIO MAMANGUAPE. Disponível em:  
<http://www.paraiwa.org.br/mamanguape/alto.htm>. Acesso em 16/12/2010

ROCHA, J. S. M. da. **Educação Ambiental Técnica para os Ensinos Fundamental, Médio e Superior**. Santa Maria: UFSM, 1999. 548 p. il.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 6ª ed. 1º reimpr. São Paulo: EDUSP, 2008. (Coleção Milton Santos, 2)

SANTOS, Milton. **Metamorfose do Espaço Habitado: Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Geografia**. 6ª ed. São Paulo: EDUSP, 2008. (Coleção Milton Santos, 10)

SILVA, Ana Cláudia Ribeiro. **Implicações socioambientais, decorrente da construção de barragem Araçagi**. Monografia de graduação em preservação e uso racional do Meio Ambiente. Dept. De Geografia. UEPB – Guarabira. 2002.

SILVA, Marina de Medeiro Araújo; et al. **Impactos Ambientais causados em decorrência do rompimento da Barragem Camará no município de Alagoa Grande, PB**. REVISTA DE BIOLOGIA E CIÊNCIAS DA TERRA. Volume 6- Número 1 - 1º Semestre 2006. ISSN 1519-5228

SILVA, Silas Siqueira da; et al. **Análise de impactos ambientais gerados pela construção de uma barragem na Bacia do Médio Uma, Taubaté, SP**. Anais I Seminário de Recursos Hídricos da Bacia Hidrográfica do Paraíba do Sul: o Eucalipto e o Ciclo Hidrológico, Taubaté, Brasil, 07-09 novembro 2007, IPABHi, p. 43-50.



SILVA, Sérgio Gonçalves. **O impacto físico-sócio-econômico causado no povoado de Mulunguzinho pela construção da barragem de Araçagi – Município de Araçagi.** Monografia de graduação em impactos sócia ambientais. Dept. De Geografia. UEPB. Guarabira. 2002.

SILVA, et al. **Araçagi Ontem e Hoje.** 1ª Ed. João Pessoa: Intergraf, 2000. 87p.

THOMAS, Vinod. **O Brasil visto por dentro: desenvolvimento em uma terra de contrastes.** 2º Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006. 203 p.

VITTE, Antônio Carlos. GUERRA, Antônio José Teixeira. (orgs.); **Reflexões sobre a geografia física no Brasil.** 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007 280p.

OLIVEIRA, Fernando Garcia. Atingidos por barragens: anotações sobre o caso de Acauã, Paraíba. In: WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. **Globalização e desenvolvimento sustentável: dinâmicas sociais no Nordeste brasileiro.** São Paulo: Polis; Campinas, SP: Ceres Centro de Estudos Rurais do IFCH- Unicamp, 2004. Cap.3 p.143-159.

WHITAKER, Dulce Consuelo A. BEZZON, Lara A. Crivelaro. **A cultura e o ecossistema: Reflexões a partir de um diálogo.** Campinas: SP; Editora Alínea, 2006.88p.

WETZEL, R.G. **Recursos Hídricos do Planeta.** Núcleo de Economia Agrícola. Projeto Água. NEA/IEA UNICAMP. Campinas - SP, 1983. Disponível em <<http://www.eco.unicamp.br/nea/agua/rechid.html>>. Acesso em 14-09-2009.

## **APÊNDICE A – Roteiro para a realização das entrevistas**

1. Identificação do morador:
2. Como o Senhor (a) se sente hoje morando na Agrovila Tainha?
3. O que o Senhor (a) considera como positivo e negativo com a mudança?
4. De que o Senhor (a) sente mais falta em relação à Tainha antiga?
5. O que o Senhor (a) considera que poderia melhorar na Agrovila para a qualidade de vida das pessoas?
6. Quais os sentimentos que estão presentes na mudança?
7. Se a barragem fosse construída hoje, você se mudaria para a Agrovila?
8. Como você vê o papel do Estado nesse processo?
9. Você considera que a vida melhorou?
10. Você teve suas terras indenizadas?
11. Você já tem terra para o plantio, as terras que foram prometidas pelo governo?

**ANEXO A – Música “Xote dos desabrigados”**

**(Versão: música “Xote Ecológico” de Luiz Gonzaga)**

**I**

Não posso mais morar,  
Não posso mais plantar,  
As casas da Tainha,  
A água vai levar  
Agora o quer que eu faço?  
Como é que vai ficar?  
Sem casa pra morar  
E sem terra pra plantar.

**II**

Barragem é fartura,  
Mas também destruição.  
Povoado da Tainha, Pacheco e Riachão,  
Até Mulunguzinho  
Já está dando as mãos  
Queremos terra e indenização.

**III**

O povo da Tainha está aqui presente!  
O povo do Jacinto está com a gente!  
Até Araçagi e demais cidadãos.  
Estão todos aqui dando as mãos.

Autoria: Organizadores do Movimento